

QUANDO TOCAM OS TAMBORES





Quando Tocam os Tambores

QUANDO TOCAM OS TAMBORES

LUCAS DALLAS

Copyright © 2018 by Lucas Dallas
Todos os direitos reservados ao autor.

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO

Nenhum trecho desta obra poderá ser reproduzido, transcrito, copiado ou transmitido por meios eletrônicos ou gravações, assim como traduzido, sem a permissão, por escrito, do autor. Sujeito a lei vigente (nº 9.610/98).

Capa
Lucas Dallas

Revisão e diagramação
ER Revisões

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

D145q
Dallas, Lucas
Quando Tocam os Tambores / Lucas Dallas; Mauá - SP
2018 - Edição do Autor

1. Contos brasileiros. I. Título

CDD: B869.3
CDU: 821.134.3(81)

QUANDO TOCAM OS TAMBORES

Instituto Campos Floridos, 28 de março de 1995.

Segue em anexo os manuscritos originais do relato do paciente desaparecido, Miguel Camargo dos Santos. Os “documentos” foram encontrados sobre a mesa do quarto 8 da ala para pacientes recuperáveis em tratamento. As outras condições do desaparecimento já devem ter sido esclarecidas pelos policiais do caso. Grato.

Ass.: Dr. Armando Santana.

Vou lhes contar, através destas palavras, sobre o dia que vi o diabo. Estas folhas em branco são a única distração decente que tenho nesse lugar. Quando cheguei aqui há alguns anos, acreditava que passaria todos os dias da minha vida trancado num lugar cheio de loucos varridos: enfermeiros me amarrando em macas com cintos de couro e camisas de força; porém, em vista do que passei há um ano, tudo isso é semelhante ao paraíso.

O instituto psiquiátrico, só mais um nome bonito para “hospício”, se chama “Casa Campos Floridos”. Todo o lugar é dividido entre hospício e asilo, e pelo que já li, é uma instituição bem antiga, fundada por pessoas da nobreza cujos nomes não me lembro de jeito nenhum.

Não posso dizer que fiz “amigos”, pois a maioria aqui, tirando alguns enfermeiros bons de conversa, não são muito sociáveis. Maldição! Se fossem sociáveis não estariam trancados aqui.

Enfim, consegui uma certa “fama” na Campos Floridos, nesse período em que estou internado. Vou explicar.

Sempre tive jeito com as palavras, embora não fosse especialista na Língua Portuguesa. De todos da minha família, eu fui o único que conseguiu terminar o ensino médio. Não cursei faculdade, mas de acordo com o histórico da minha família e as condições em que vivíamos, terminar a escola foi um grande feito.

Voltando ao motivo da minha pequena fama em Campos Floridos: quando cheguei no instituto pela primeira vez, notei que o lugar era calmo, confortável e limpo. Um local perfeito para me trancar com meus pensamentos e medos, e acima de tudo, era um lugar seguro. Meu quarto é um cômodo simples. Resume-se a uma cama de solteiro, uma escrivaninha equipada com papel e envelopes para cartas, e um criado mudo com uma pilha de livros que adquiri com alguns funcionários. Já disse que os enfermeiros e os guardas são as pessoas mais legais para ter um bom papo? Foi deles que partiu a ideia e o incentivo de estimular a criatividade e pôr no papel todos os meus sentimentos.

Uma noite, tive um dos muitos pesadelos que me ocorrem, sonhos que tenho desde a noite na floresta, história que contarei logo mais. Acordei com as roupas empapadas em suor e a língua seca como areia. Quando olhei para a porta do quarto, uma fila de pessoas se formava ali; dois deles reconheci imediatamente. Os enfermeiros responsáveis pela minha ala, Defúncio e Clóvis. Após exercícios de respiração, que aprendi durante minha estada aqui, e alguns calmantes, me tranquilizei e descobri através dos enfermeiros que eu acordara praticamente metade do instituto aos gritos. “Paredes de madeira não abafam muito bem o som, sabia?”, me disse Clóvis.

Eles disseram que eu gritava e dizia coisas sem sentido, e quando perguntei o que diabos eu falava durante o pesadelo, não me responderam. Apenas se encararam como cúmplices. Sei que não poderiam me dizer coisas que piorassem meu estado, o dever deles era cuidar das pessoas e não as assustar ainda mais. Mas mesmo assim...

Ainda naquela noite, depois de me acalmar, Defúncio e Clóvis me deram a ideia de escrever. A princípio, achei a proposta meio genérica. Um diário com meus sentimentos era o primeiro indício de loucura. E eu não estava louco. Me recuso a acreditar que estava louco! No entanto, aceitei a sugestão deles e no dia seguinte, peguei o lápis – material que eu poderia levantar as mãos aos céus e agradecer por poder obter, visto que muitos dos pacientes não poderiam chegar nem a um metro de distância de tamanha arma – e com ele comecei a escrever. Comecei com coisas inúteis para passar o tempo e distrair meus pensamentos, tentando ao máximo afastar minhas lembranças daquela noite.

Foi então que passei a escrever contos. Pequenas histórias de horror. No começo acreditei que seria loucura aproximar de minha companhia elementos que me fariam lembrar da noite em que vi o diabo. Afinal, a

maioria das minhas histórias continham noites enluaradas, coiotes uivando e névoas brancas que percorriam lápides nos cemitérios. E por mais inacreditável que possa parecer, realmente ajudou.

Não durou muito.

Os enfermeiros passaram a ler aquelas páginas e acabaram gostando das histórias, como alguns mesmo chamavam, “causos de malassombro”. Eles passavam os papéis para os funcionários do instituto, que entregavam para os guardas e assim por diante. Logo fiquei conhecido como o escritor dos Campos Floridos e meus contos foram lidos por mais pessoas desse instituto do que eu seria capaz de fazer se quisesse. Fiquei sabendo por Defúncio que até mesmo uma das enfermeiras levou para casa uma das histórias, para ler para a família. Não posso dizer que não me sinto orgulhoso. Ao menos todo aquele pesadelo me trouxe uma coisa boa.

Quando *eles* chegarem, quando vierem me buscar, não terei partido por completo, pois minha memória ficará eternizada nas mentes das pessoas que leram meus escritos.

O processo de escrever me ajudou na loucura. DROGA, NÃO ESTOU LOUCO! Me ajudou a superar a tormenta. Porém, de uns dias para cá, tenho presenciado coisas que me fazem duvidar de minha própria sanidade. Eu estava mesmo convicto de que aquela noite na floresta ficaria no passado; um horror que, por mais horrível e espantoso, findaria somente numa lembrança ruim. Agora já não tenho mais certeza.

Ontem à noite ouvi uma coisa na janela. Sei que as janelas do instituto possuem grades externas, mas mesmo assim...

Hoje é o Dia de Todos-os-Santos, e também é noite de mudança de lua, de crescente para cheia. Sei disso pois Cláudio, o esquizofrênico que cisma em jantar ao meu lado, é um obcecado por astrologia e não perde um horóscopo que seja nos jornais que a família lhe manda. Ontem à noite ele me disse que uma coisa ruim cruzaria meu caminho. Sempre achei essas coisas uma bobagem, mas dessa vez acredito que ele tem razão.

Agora há pouco, depois de tomar a medicação, me deitei em minha cama e não demorou muito para os barulhos começarem de novo. Eles têm acontecido durante toda a semana. No começo eram discretos e facilmente esquecíveis. No entanto, fui notando que ficaram mais incômodos até se tornarem impossíveis de ignorar. São os cães.

Não são latidos comuns, típicos dos cachorros de rua que fazem coro nas madrugadas. Tinham um tom de agressividade, como se os animais

estivessem ansiosos e famintos por uma presa. Não apenas os latidos atormentam minhas noites, mas também os uivos, oh Deus, os uivos são o pior. Seu tom agudo e penetrante como uma espada cisma em atravessar meus ouvidos e se fixar em minha mente, causando os mais aterrorizantes tremores pelo meu corpo. Eles uivam como se chamassem seus comparsas para a festa.

As últimas noites têm sido assim. Basta fechar meus olhos, e antes que a pestana me toque, os latidos interrompem, me despertando para um mundo de sombras e medo. Um mundo de lembranças cruéis.

Vou parar de protelar meu relato, pois creio que ouvi unhas raspando a parede do lado de fora. Som semelhante a patas ansiosas tentando entrar.

Esclareço logo de antemão que NÃO ESTOU LOUCO. Escreverei nestas páginas todo o acontecido daquela noite de Finados há um ano e provarei que NÃO ESTOU LOUCO, com a clareza de detalhes que me esforçarei em lembrar. Peço que entendam que não fui covarde, nem na época e nem agora. Por Deus! É preciso a coragem de mil caboclos para relembrar e reviver todo aquele horror, coisa que farei agora. Eles estão chegando e tenho medo de ouvir o último soar dos tambores.

Era mês de novembro. Trabalhávamos numa padaria no centro de Santa Clarice, no interior do Paraná. Digo “trabalhávamos” no plural, pois éramos três. Eu, meu melhor amigo Jorge, e Hugo, homem trabalhador e humilde. Na verdade, nunca conheci ser humano com tamanho coração e bondade. Sinto pelo que aconteceu, ele não merecia um destino tão cruel. Santo Deus, alguém por acaso merece aquilo?

Santa Clarice, uma cidadezinha pacata sem muitas opções de lazer. As pessoas passavam o tempo num campinho de futebol que ficava perto de onde era a padaria. Os mais jovens adoravam aquele campo e os adolescentes iam lá de madrugada para namorar e fazer bebês. Os adultos num geral se conformavam em ficar em casa, ir à igreja ou ficar na janela tentando achar alguma coisa interessante na vida alheia.

Eu era menino quando cheguei em Santa Clarice. Morávamos eu e minha família em Votuporanga, interior de São Paulo, mas devido a mais oportunidades de emprego, especialmente para meu pai, fomos rumo ao Paraná.

Depois que minha mãe morreu, meu pai se afogou na carpintaria. Talvez fosse seu jeito de “sentir a dor”. Na escola aprendi um pouco sobre luto. Era a forma como as pessoas sentiam a perda, a falta. Consigo ilustrar bem isso: imagine um carro percorrendo uma estrada em linha reta. Após algumas horas, ele fura um dos pneus num galho pontudo no meio do asfalto. Deveria ser um baita galho, mas enfim. O que furou o pneu não importa, ele apenas furou, já era, sabe? Perdeu o pneu para sempre. Para o motorista conseguir chegar numa concessionária, posto ou qualquer lugar que possa ajudar, ele terá de passar por um túnel no meio da estrada. Vai precisar dirigir o veículo com toda a dificuldade de estar com um pneu furado até o outro lado do túnel. Vai ser difícil, porém, é inevitável, e esse é o único jeito de conseguir. Bem, acho que você já entendeu onde quero chegar. Cada um tem seu túnel a ser percorrido. O do meu pai foi fabricar mesas, armários, estantes, prateleiras e outras coisas.

Confesso que depois da morte da minha mãe eu fiquei triste, no entanto, encarei as coisas de forma mais branda. Não creio que foi insensibilidade de minha parte. Talvez eu fosse jovem demais para me preocupar com a morte, ou não entendesse muito bem. Digo... o que eu achava era que ela havia partido, ido para o céu e coisa assim. Só fui descobrir que ela morreu com um tiro na barriga durante um assalto anos mais tarde, quando já estava mais velho. Foi um impacto para mim. Como Deus podia permitir que pessoas tão boas perdessem a vida de forma tão vazia e banal? Creio que foi nessa época que perdi a fé.

Meu velho continuava indo à missa de domingo e orando por proteção e coisas do tipo. Acredito que era totalmente mecânico de sua parte, como um robzinho programado para servir seu dono. Usar um crucifixo no pescoço era o tipo de coisa que ele fazia por achar que era o certo, e não porque sentia que era o certo. Como eu disse, cada um tem seu túnel.

Anos mais tarde meu velho acabou se juntando à minha mãe no pó da terra. Um infarto segurou sua mão durante a noite e o levou ao sono eterno da morte. Gostaria de acreditar que ele está agora com minha mãe num lugar bonito, cheio de luz e paz. Mas sei que eles simplesmente deixaram de existir, voltarão a ser poeira. Pode parecer uma visão cruel e pessimista sobre a vida. Acredite em mim, quando se aceita que essa é a verdade, fica muito mais fácil superar a perda; a dor é menos profunda. É quase libertador. Embora eu assuma que, depois de tudo o que aconteceu naquela noite de Finados na floresta, eu deveria ser bem mais crente de coisas impossíveis. Ou

pelo menos ter mais dúvidas sobre a morte. Porém, creio que em breve posso acabar descobrindo e testemunhando em primeira mão. Fico triste com o fato de que, quando chegar a hora — e sinto que está chegando — não poderei registrar para você, caro leitor. Cedo ou tarde todos nós acabaremos ouvindo as batucadas. Oh, aquelas batucadas. E quando ouvirmos, saberemos que ela está próxima.

Depois da morte dos meus pais, acabei arrumando um emprego na padaria local. Seu Joventino era o dono e teve muito prazer em me contratar. Ele precisava de homens fortes para o serviço e ficou feliz em me ver. Sempre fui grande e robusto e nunca tive medo de trabalho duro. Ele sabia que eu precisava, ainda mais depois de tudo o que havia passado. Em pouco tempo eu já estava carregando sacas de farinha e cestos de pães de cidade a cidade.

Não tínhamos meios de transporte para nada, ainda mais naquela cidadezinha pobre de tudo. Quando não tínhamos o carrinho de mão para levar as sacas, precisávamos carregá-los nas costas e isso nunca foi problema para mim. Não posso dizer que gostava daquele serviço, mas era um trabalho — assim como qualquer outro — honesto.

Claro que meus colegas não pensavam assim.

— Aquele velhaco podia colocar logo mulas de carga pra trabalhar! — reclamou Jorge, limpando o suor da testa.

— Valha-me, Jorge! — disparou Hugo, com certa tristeza na voz, e sabíamos o porquê. — Você tá igual gato. Come a ração miando.

— Sem falar que se ele contratasse mulas pra carregar o peso, você ia ficar sem emprego, homem burro. — eu disse, provocando-o.

— Não tô nem aí pra carregar esses sacos arrombados de farinha. Só acho que ganhamos muito pouco pra tanto suor derramado. Sem falar a quilometragem que andamos. Ave Maria! Vamo andar até Santa Mônica.

— Santa Mônica é vizinha de Santa Clarice, as cidades são quase irmãs, Jorge. Deveria agradecer. Imagine se fossem parente distante. — respondi, rindo — E seu Joventino já disse que encomendou carrocinhas para a gente. Quando chegarem, vai ficar bem mais fácil.

— Ah, Miguel. Não sei por que sua mãe botou nome de anjo em você, tu é o demônio provocador. — reclamou Jorge novamente, enquanto Hugo arfava com o calor. — Só tu pra acreditar que aquele velhaco vai gastar dinheiro com os nosso conforto.

— Sabia que os demônios também eram anjos? Não lê a Bíblia?

— Conversa fiada! E não muda de assunto. — Jorge parou no meio do caminho jogando a saca de farinha no chão. — Ele devia é ser preso por trabalho escravo.

— Chega de tanta reclamação, homem. Ou vai acabar com o beijo duro. — Gargalhei.

Ah... só de lembrar daquele dia, sinto o estômago embrulhar de saudade dos meus amigos. Conheci Jorge assim que entrei na padaria pela primeira vez. Homem temente a Deus, sempre tentando ajudar o próximo. E sempre reclamando também. Foi Jorge quem me mostrou como funcionavam os fornos e a preparação dos pães, assim como todo o trabalho que faríamos. Se o paraíso existisse, Jorge seria o anfitrião perfeito.

Hugo apareceu algumas semanas depois de mim; veio de São Paulo, assim como eu. Ele estava de passagem, visitando parentes em Santa Clarice, e acabou ficando devido ao emprego. Não era um grande trabalho, mas foi bem mais fácil achar emprego lá em cidade pequena. Segundo ele, o preconceito com homens negros era bem maior na cidade grande. O que nunca vi muito sentido, pois de acordo com o que estudei na época da escola, a maioria das pessoas do Brasil são negras. Sempre achei essa coisa de julgar alguém pela cor da pele uma pura bobagem, além de ser algo muito errado. Ainda mais alguém como Hugo. Ele era tão correto que se deixássemos cair um punhado de farinha no chão, faria questão de descontar aquele punhado no preço total para o comprador.

Naquele dia, recebemos uma encomenda de Santa Mônica. A padaria do Seu Sebastião fizera uma espécie de parceria com Seu Joventino. Como Sebastião precisava comprar farinha de outra cidade, ficava sempre mais caro. A sorte é que o fornecedor do Seu Joventino cobrava muito mais barato. Então os dois fizeram um acordo: Joventino comprava sacas de farinha a mais, e Sebastião comprava dele. Nosso trabalho era levar o material até a cidade vizinha.

Todo o processo de caminhada levava cerca de um dia, saindo de manhãzinha e chegando em Santa Mônica ao anoitecer. Então passávamos a noite lá e no dia seguinte estávamos de volta com o dinheiro. Claro, com hospedagem e comida garantida por Seu Sebastião.

Tudo começou com uma série de erros. O primeiro deles foi cairmos na burrice de viajar ao início da tarde.

Era o Dia de Todos-os-Santos, véspera do Dia de Finados. Havíamos combinado de partir de Santa Clarice pouco antes do sol nascer, mas nossos

planos foram por água abaixo. A filha de Hugo pegara algum tipo de virose. A pobrezinha passou a noite vomitando e com febre de pelar até o capeta. Hugo, desesperado, a levou ao médico, e para a sorte de todos fora apenas um susto. A pequena Clara foi medicada e teve de passar algumas horas tomando soro na veia. Só conseguimos partir às duas da tarde, o que foi um tremendo erro, pois encontraríamos a escuridão da noite no meio do caminho. Hugo ainda estava meio abalado em ter que deixar a mulher e a filha sozinhas depois de a menina ter adoecido, e seria uma má ideia falar sobre o horário naquele momento. Tanto eu quanto Jorge sabíamos disso. Ninguém falou nada, embora aquela situação continuasse nos espetando.

— Eu aqui reclamando de asneiras e você com a menina adoentada, amigo. Me desculpa. — disse Jorge, com pesar na voz.

— Não tem problema. Ela tava melhorzinha quando saí de casa. Se ela tivesse ruim igual de madrugada eu nem ia com vocês.

— Eu no seu lugar faria o mesmo. — disse eu, colocando a mão no ombro dele.

O lugar que paramos para descansar já estava um tanto distante da entrada de Santa Clarice, uma pequena campina cercada por árvores que balançavam com o vento soprando de dentro da floresta. Aquilo era estranho.

— As árvores tão balançando ao contrario, tão vendo? — comentou Jorge, a cabeça inclinada para cima.

— Que estranho, nunca vi isso acontecer. — Hugo disse, coçando o queixo.

— Acho melhor ir andando. Logo, logo vai escurecer e...

— Desculpe, amigos. — comentou Hugo — Mas vamo ter que andar no escuro de qualquer jeito por culpa minha, todo mundo aqui sabe disso. Atrasei vocês, desculpa.

— Larga a mão disso, homem. Todo mundo aqui faria o mesmo na tua pele. — disse Jorge.

— Exatamente! Com saúde não se brinca, ainda mais com um filho. — falei, apertando o braço de Hugo. — Tá tudo certo, a gente tem lampiões e estamos na semana de lua cheia. Claridade é o que não vai faltar para o Jorge não cair de boca no meio dos galhos igual jaca podre.

Eles riram com a piada, mas logo depois seus sorrisos morreram com os uivos da floresta. Era o som do vento, claro, no entanto, tinha algo diferente, um assobio grave e ao mesmo tempo cortante, como um rugido de leão ampliado e desfocado.

Permanecemos quietos até que o barulho cessasse.

— Ainda não me conformo com esse vento! Parece que as árvores tão querendo fugir da floresta. — reclamou Jorge.

— Não deve ser algo tão incomum. — respondi.

— Afinal, quando foi que você viu as árvores fazendo isso? — ele rebateu.

— Ora, a gente sempre veio de manhãzinha e hoje já estamos no fim de tarde. Ai tá sua resposta.

— Continuo sem entender.

— Acho que ele quer dizer que pode ser algum efeito que só acontece de tarde. — respondeu Hugo.

Confirmei com a cabeça.

— Essa explicaçãozinha não me convenceu.

— Homem da cabeça dura! — retruquei. — E que outra teoria maluca vem da sua cabeça pra explicar isso?

— Quer um motivo forte o bastante? Hoje é Dia de Todos-os-Santos. Ou já esqueceram?

Fizemos silêncio, tentando entender o que ele queria dizer com aquilo.

— O que isso tem a ver com o vento? — perguntou Hugo, interessado.

— Tô dizendo que assim que passar da meia-noite, vai ser Dia de Finados.

Hugo calou-se, a face dura como uma tábua, mas eu não pude deixar de rir. Soltei uma gargalhada, achando graça do medo que ambos sentiam.

— Vamos, homens! Estão com medo dos fantasmas?

— Bate nessa boca descrente, Miguel! — disse Jorge, dando tapinhas nas coxas. — Com essas coisas não se brinca.

— Jorge... mesmo que os fantasmas existissem, garanto que nenhum morreu dentro da floresta.

— Como pode ter certeza? E quanto aos antigos moradores da floresta, de muitos anos atrás? Essa é a Floresta dos Pagãos, esqueceu?

— Que moradores? — perguntou Hugo, já com os olhos esbugalhados de curiosidade.

— Vamos, Hugo, até você vai cair nessa de assombração? Posso esperar isso do Jorge que é um cabeça oca, mas de você?

— Não tô dizendo que é verdade, Miguel. — respondeu Hugo, se defendendo — Só gosto de manter a mente aberta, oras.

— Sei!

Pelo que conhecia de Hugo, poderia afirmar que não era uma pessoa totalmente crente, no entanto, era completamente influenciável – o suficiente para ser convencido que grãos crus eram na verdade feijões mágicos.

— Então responda de uma vez, Jorge. De que moradores da floresta você tava falando? — perguntou Hugo, ignorando minhas repreensões.

— Você sabe, os antigos pagãos. Nunca ouviram falar deles?

— Está falando dos camponeses de centenas de anos atrás?— debochei.

— A alma nunca morre, burro! — rebateu Jorge. — Quem morreu na floresta deve estar lá ainda, vagando atrás das árvores sem rumo.

— Nunca ouvi tamanha bobagem! — respondi, escondendo a risada atrás da mão.

— É verdade! Por isso que chamam esse lugar de Floresta dos Pagãos.

— Tem esse nome por causa dos camponeses que moravam em vilas a centenas de anos atrás. Não tem nada a ver com fantasmas, você sabe muito bem disso, Jorge. Já contei essa história muitas vezes.

— E como foi que você descobriu isso tudo?

— Nas aulas de história. E com um pouco de pesquisa sobre a região você encontra muitas coisas sobre a cidade de Santa Clarice e da Floresta dos Pagãos que não são lendas que sua mãe te contava pra ir dormir cedo.

— Lá vem ele com esse palavreado importante. Olha Miguel, só porque você foi o único de nós que tem estudo não quer dizer que é o dono da verdade.

— Mas não sou eu que estou dizendo, são os historiadores.

— Parece até que tô falando com uma pedra. Uma não, um pedregulho.

— Ia dizer o mesmo de você, homem de cabeça dura!

— Vamo acalmar os ânimo. Que brigalhada é essa? — interferiu Hugo, como sempre fazia nas minhas discussões filosóficas com Jorge.

— Quem aqui tá brigando, Hugão? — disse Jorge, abrindo um sorriso largo. — Miguel estudou tanto e não percebe as coisas que tão bem em volta dele.

— Está certo, Jorge. Então me convença de que naquela floresta existem fantasmas de verdade e eu juro por meus pais mortos que nunca mais vou te importunar.

— Melhor deixar essa conversa fiada para depois. — interrompeu Hugo, se levantando e jogando uma saca de farinha nas costas. — Vai escurecer logo, logo e duvido que vai fazer bem pra gente ficar com

assombração na cabeça bem dentro daquela floresta.

Concordamos e fomos floresta adentro, carregando as sacas de farinha de trigo. Nunca iria imaginar que aqueles sacos pesados seriam minha salvação para fora daquele lugar.

Seja lá quem estiver lendo isso, o que você precisa saber sobre a Floresta dos Pagãos é relativamente simples. Porém, não era assim para as pessoas de Santa Clarice.

Na escola aprendi um pouco sobre a região. Segundo o que percebi, com algumas pesquisas particulares em livros da história do Brasil, tudo não passa de especulações e lendas contadas de geração para geração. A realidade é que ninguém sabe até hoje se as histórias que contam sobre os antigos moradores da floresta são mesmo verídicas. Não existe livro ou documento que comprove que nos séculos passados pessoas moravam lá.

Não posso dizer que nunca acreditei que de fato elas existiram, pelo contrário. Estávamos separados por séculos de história, talvez os indícios e provas de que pessoas viveram ali tenham se perdido com o tempo. Depois do que aconteceu naquela noite, digo que ganhei mais dúvidas do que certezas.

Lembro de um artigo que saiu nos jornais de Santa Clarice no ano de 1960 quando eu era garoto. Era uma matéria sobre evidências de que um antigo povo habitou a floresta que separava as cidades. Não me recordo do texto por completo, mas segundo a minha falha memória, dizia algo sobre estudiosos terem encontrado estruturas que poderiam ter sido casas no passado.

Creio que essa matéria é o maior indício para eu não duvidar que a floresta fora habitável. Li em alguns livros que por volta de 1400, pessoas moravam mesmo nesse tipo de lugar. Bosques e florestas eram ocupados por pequenos vilarejos que viviam da terra. Plantavam os próprios alimentos e deixavam o espaço mais próximo de um lar. Claro que naquele tempo aquilo não era muito diferente de um lar confortável. Afinal, era o único conforto que conheciam. Nunca deixei de crer nessa possibilidade. E se aquela floresta realmente foi palco de vilarejos antigos? Num ponto de vista histórico é até bem interessante. Mas depois do que vi e presenciei naquela floresta, daria tudo para não ter tido nenhum vínculo com aquele lugar. Como me arrependo

de ter me metido lá dentro quando não havia sol no céu.

Enfim, depois daquele artigo no jornal da cidade, começaram a inventar lendas em toda a parte. Desde bruxas morando nas redondezas até extraterrestres fazendo uma visita e deixando marcas nas casas das árvores. Não precisou muito para que aquela floresta passasse a ser chamada de Floresta dos Pagãos. A maioria das histórias era sobre os fantasmas dos antigos camponeses. Diziam que vagavam na mata atrás dos arbustos, se esgueirando pela relva. Alguns falavam que esses espíritos apareciam em forma de animais, pois passaram tanto tempo morando na floresta que acabaram virando filhos dela, seres meio humanos, meio bichos.

Como nunca houve nada que comprovasse nenhuma dessas lendas, nem mesmo o fato histórico da coisa, eu não ligava para o que os outros diziam. Mesmo que alguns relatos dessem medo de verdade.

Quando passamos a ser incumbidos das tarefas de levar mercadoria para a cidade de Santa Monica, foi o inferno na terra para Jorge. Não tinha outro jeito de transportar as encomendas para Seu Sebastião. Aquele era o único caminho mais rápido, do contrário teríamos de contornar todo o lugar, o que levaria semanas caminhando. Não tinha choro nem vela. Ou aceitávamos aquilo, ou ficaríamos sem emprego.

Depois de muita conversa, convenci Jorge de que não havia nada de mais escondido na floresta. Mas somente depois que Hugo passou para o meu lado, homem muito mais fácil de levar na conversa, conseguimos acalmar Jorge e levá-lo conosco para as primeiras entregas até que Jorge, uma hora, acabou se acostumando e deixando de lado os mitos supersticiosos.

Não íamos com frequência até Santa Monica. Apenas fazíamos as entregas de trigo e fermento uma vez por mês e era só. Às vezes até uma a cada dois meses, quando as vendas eram fracas ou quando era época do frio e as pessoas saíam menos de casa. Isso acalmava ainda mais Jorge. Confesso que sempre achei ele meio inquieto durante as viagens da floresta até a cidade. Tanto na ida como na volta.

Ele não dizia nada, e para todas as hipóteses estava acostumado com o trabalho e convencido de que não havia nada sobrenatural habitando o lugar. Mas uma coisa ninguém podia negar, coisa que tanto eu quanto Hugo sabíamos... o homem estava com medo. Mesmo que tentasse se passar por macho corajoso, eu percebia que algo o incomodava. Talvez pela forma como olhava para trás toda hora, ou quando parávamos para descansar e sentar um pouco entre as árvores, ele não prestava atenção nas nossas conversas. Ficava

sempre com as orelhas em pé, como um cão de guarda, esperando qualquer coisa aparecer em meio aos arbustos e levá-lo para um canto escuro.

Hugo era bastante corajoso, mas só quando eu o convencia disso. Nunca conheci homem tão instável como Hugo. Era como se ele vivesse a vida caminhando por uma corda bamba, e se alguém soprasse de um lado, ele caía do outro. Eu dizia “Jorge, seja corajoso como o Hugo, ele não acredita nessas besteiras”. Hugo estufava o peito em orgulho para demonstrar o quanto eu estava certo. Porém, bastava meia hora de conversa fiada de Jorge sobre assombrações que Hugo logo passava de cão de caça para vira-lata com o rabo entre as pernas.

De qualquer forma, era fácil levar Hugo na lábia. Tão fácil quanto empurrar um cego de um barranco. O problema era Jorge. Se já era difícil lidar com sua paranoia e superstição durante o dia, que dizer à noite? Comprovei o fato na pele. E hoje posso afirmar com toda a certeza que gostaria muito de ter acreditado nele.

Quando entramos na floresta o céu já adormecia, variando entre um belo crepúsculo alaranjado e camadas acinzentadas que escureciam nas copas das árvores mais distantes. Passamos pelos mesmos obstáculos de sempre, dos quais sabíamos de cor. Primeiro pulamos alguns troncos secos caídos no chão que um dia foram árvores compridas e finas. Caminhamos pelo terreno fofo de folhas até o que chamávamos de O Tronco Grande. Era uma enorme tora de jequitibá, tombada. Sempre pulávamos por ele para cortar caminho. Primeiro ia um, e os outros jogavam as sacas de farinha sobre o tronco para o outro. Era bem mais fácil quando não chovia, pois facilitava escalar o tronco sem escorregões.

Hugo escalou até chegar do outro lado. Ouvimos o baque de seus pés pousando em segurança no chão de folhas.

— Já tô aqui. Me joga as sacas! — ouvimos ele gritar.

Tinha algo de incomum na voz de Hugo. Falhava e tremia como se levasse pequenos choques na garganta. Jorge pareceu não notar, mas eu percebi e sabia o motivo de sua inquietação. Ele estava do outro lado sozinho, enquanto a floresta era mergulhada na escuridão. O processo de jogar as sacas de farinha para cima do Tronco Grande era lento e cansativo, e ele teria de passar todo aquele meio tempo sozinho. As histórias de Jorge tinham

mexido mesmo com sua cabeça, e eu não estava com paciência para nenhum surto de pânico.

— Hugão! Acho que vi um fantasma! — gritei para ele — Ah não, era só a cara feia do Jorge.

Ouvimos a gargalhada fanhosa de Hugo do outro lado do tronco. Jorge balançou a cabeça em negativo, como quem diz “Brinque, só não diga que não avisei!”.

Ignorei as repreensões silenciosas de Jorge e me concentrei na risada de Hugo. Ele parecia bem mais tranquilo com a piada.

— Aposto que ele tá sem graça agora! — gritou Hugo, ainda rindo.

— Mais do que um burro quando caga em público. — respondi, imitando a voz rouca e grossa de Jorge.

Aquilo foi o suficiente para fazer a voz de Hugo voltar ao normal, e continuamos o trabalho de transportar as sacas em paz.

Quando todos nós estávamos do outro lado, decidimos que era hora de acender os lampiões. Já não conseguíamos enxergar o chão e nem os arbustos que volta e meia fispavam nossas roupas. De quando em quando eu olhava para o céu entre os galhos das árvores e via apenas um azul escuro que ficava cada vez mais negro, e em pouco tempo estaríamos submersos na escuridão.

Paramos numa pequena clareira, a mesma que sempre ficávamos nas viagens. Tiramos os lampiões de dentro das bolsas e os acendemos com fósforos. Jorge começou a reclamar que não era uma boa ideia estarmos caminhando na floresta durante a noite.

— Sabe Deus os tipo de bicho que pode ter no meio desses emaranhado de galho. Uma cobra pode muito bem mordê a gente.

— Cobra não morde, burro. Elas pica! — disse Hugo, espantando mosquitos da frente do rosto.

— Na verdade elas mordem e picam. — corrigi.

— Tanto faz! Essas árvore deve tá cheia de morcego.

Eu sabia que o verdadeiro medo de Jorge era outro. No entanto, ele direcionava todos os seus receios para outras coisas. Com certeza não queria pensar nas assombrações que falara mais cedo.

—Vamos parar com essa amolação e andar mais um pouco. — prossegui — De qualquer forma não vai dar pra passar a noite toda viajando. Vamos ter de parar e dormir.

Por mais que Jorge estivesse se borrando de medo e se apegando a qualquer desculpa para voltar, eu sabia que ele tinha uma parcela de razão.

Afinal, uma floresta à noite não pode ser um lugar totalmente seguro. Eu sabia que chances de sermos surpreendidos por algum animal noturno perigoso não eram pequenas. Além disso, tínhamos trabalho para fazer e já havíamos percorrido muito para voltar atrás.

Andamos por cerca de uma hora em meio à mata e aos troncos, tomando todo o cuidado para não sair da trilha. Os grilos anunciavam que em breve viria chuva. Até mesmo o ar tinha o cheiro da tempestade que se aproximava. Aquilo inquietou a todos nós. Não tínhamos proteção nenhuma além das lonas que levávamos para improvisar barracas.

— Daqui a pouco o céu vai cair! — anunciou Hugo, balançando a cabeça em negativo.

— Não se preocupe. — tentei acalmá-lo — Ela ainda está longe. Temos tempo de armar a lona.

— Melhor esticar esse diabo dessa lona agora, não aguento mais caminhar nessa escuridão. — disse Hugo.

— Vira essa boca pra lá! — repreendeu Jorge. — Não fala o nome do coisa ruim num lugar desse. Ainda mais nesse breu.

— Vamos esticar logo a lona antes que Jorge continue a reclamar. — eu disse, jogando minha saca no chão e pegando a lona enrolada e amarrada em minha bolsa.

Sáímos da trilha sem nos distanciarmos muito dela. Não queria perdê-la de vista e desesperar ainda mais os meus amigos. Achamos quatro árvores que seriam perfeitas para o teto improvisado. Cada um segurou uma ponta da lona preta e a esticou na direção das árvores. Amarramos as pontas com uma corda que estava na bolsa de Hugo. Jorge prendeu a ponta que sobrou no tronco restante. Então tínhamos um teto para nos abrigar. Se por acaso a chuva viesse, estaríamos prontos.

Forramos as sacas de farinha debaixo das lonas e deitamos por cima delas. Ficamos lá por um tempo. Jorge e Hugo acabaram adormecendo, e eu fiquei ouvindo os sons noturnos da natureza. Grilos e cigarras faziam uma algazarra, e volta e meia Hugo matava um pernilongo estapeando a própria cara. O chiar dos ramos das árvores, que balançavam com o vento, prevalecia como a grande melodia da noite. Era até mesmo tranquilizante ficar ali ouvindo a música da mãe natureza. Aquilo me fazia esquecer dos medos que afligiam minha mente. O maior deles era a certeza de que eu estava sozinho na vida. Sem meus pais, sem nenhuma família próxima. Nada. Nem mesmo uma pessoa que eu pudesse amar e ser amado.

Pode até parecer uma coisa supérflua de se pensar, mas acredito que o medo da solidão é algo que todos nós temos. Alguns em grande escala, outros em menor. Porém, é inevitável que o ser humano tenha receio de acabar a vida sozinho, e no meu caso, meu maior medo acabou se tornando real.

Pare e pense só por um momento em todas as pessoas ao seu redor. Aquelas que compõem sua vida. Aquelas que mais ama no mundo. Agora imagine todas desaparecendo. Uma a uma, elas vão sumindo até restar somente você. Não negue que é um pensamento assustador. Para mim, aquilo era mais aterrorizante do que Jorge com seus fantasmas.

— Miguel, acorda! — disse Jorge, a voz alerta como uma sirene.

— Não tô dormindo, Jorge. O que foi?

— Não tá ouvindo não? Que barulho é esse?

— Do que você tá falando? Cala a boca se não vai acordar o Hugo.

— Os batuques! Não tá ouvindo os batuques?

Eu estava a ponto de me levantar e mandar Jorge ficar quieto e dormir de uma vez. Porém, notei que não ouvia mais o vento batendo nas árvores. Os grilos silenciaram também. Levantei meu corpo e me sentei ao lado das sacas com a cabeça encostada no topo da lona. Fiquei imóvel, até que comecei a ouvir. Só então entendi o motivo do medo de Jorge.

O barulho era ritmado e constante. Batidas de tambor. Ecoavam pelas árvores por todo lado, e por mais que me concentrasse no soar daqueles batuques, concluí que não sabia mesmo de qual direção eles se originavam.

— Minha nossa senhora, Miguel! O que é isso?

— Confesso que não sei, Jorge. Não sei.

Eu tentava buscar uma explicação lógica para aquilo, mas não encontrei nenhuma. Até que por fim me veio a teoria mais óbvia possível. Nós não éramos os únicos embrenhados na mata.

— Deve ter mais gente acampando por essas bandas! — argumentei.

— Quem ia ficar batendo tambor na floresta durante a noite? — perguntou Jorge, tentando engolir o medo goela abaixo.

— Olha... nós estamos aqui, certo? Então por que não haveria outras pessoas também?

— Acho melhor acordar o Hugo. — disse Jorge.

— Já tô acordado! — disse Hugo, levantando-se num pulo.

Jorge gritou tão alto que seu berro ecoou pelos quatro cantos da floresta.

— Cale a boca, homem! — chiei para Jorge.

— Esse miserável me assustou!

— Desculpa... — disse Hugo, esfregando os olhos. — mas me assustei com essa batucada.

— Espere! — eu disse, levantando a palma da mão para que todos ficassem quietos. — Parou. A música parou!

— Jesus Cristo! — exclamou Jorge, levando as mãos a boca. — Foi meu grito, eles ouviram! Ouviram!

— Quem ouviu? — disse Hugo, agora com os olhos arregalados.

— Os pagãos! Eles ouviram meus gritos! Santo Deus, vão vir atrás da gente, vamo fugir!

Jorge ameaçou se levantar.

— Para onde é que você vai correr no meio da escuridão, homem? Fique quieto!

Com muita dificuldade permanecemos em silêncio, esperando para ver se as batidas continuariam. Mas nada ouvimos.

— Eu sabia que não era uma boa ideia! — disse Jorge.

— A culpa é minha. — disse Hugo, olhando para a escuridão, esperando sair de lá alguma sombra fantasmagórica. — Eu atrasei vocês!

— Já chega disso! — engrossei a voz e repreendi os dois. — Parecem criancinhas. Que coisa!

Os dois ficaram calados, olhando ao redor, tentando ver alguma movimentação na mata.

— Com certeza eram pessoas fazendo algum ritual na floresta. Algumas religiões fazem isso e vocês sabem. Não era nada de mais.

— Tão afastado da cidade? — disse Jorge.

Eu o encarei com um olhar fulminante. Ele abaixou a cabeça.

— Não importa! Seja lá o que seja, já foi embora por causa do seu berreiro. Então tratem de dormir antes que...

— Miguel, atrás de você! — gritou Jorge.

O que mais me assustou naquele momento não foi o homem alto com a pele pintada de vermelho que estava parado atrás de mim, mas sim os rostos dos meus amigos. Antes de me virar e ser surpreendido pela figura estranha, eu olhei para as faces de meus colegas e ali se estampava o horror. Os olhos esbugalhados quase pulando para fora em meio às lágrimas. As bocas tão

escancaradas quanto sacos de farinha usados. Os cabelos arrepiados como o rabo de um gato arisco. Aquilo me assustou de verdade. Por um segundo, observando aquele pavor concreto em suas caras, cheguei mesmo a acreditar que o próprio diabo estava diante de mim. Senti minha bexiga se esvaziar um pouco, mas logo consegui segurar.

O homem ficou parado nos observando. Ele vestia uma calça larga que se estreitava nos tornozelos, formando balões nas coxas como o Aladdin. Ele era praticamente uma montanha de músculos, e a cor de sua pele era como café com leite. A barriga e o pescoço estavam cobertos de símbolos pintados de vermelho na pele. A ideia de que aquilo era sangue passou por mim como uma flecha, deixando um arrepio por todo meu corpo. Seus cabelos eram tão escuros quanto aquela noite.

Ele ficou parado feito um totem de madeira. Meus amigos não soltaram mais um pio.

— Olá! — arrisquei falar.

Por um momento achei que o homem não me responderia, e que continuaria ali, parado. Mas ele respondeu minha saudação com uma voz aveludada e mansa.

— Foi você que ouvimos gritando?

— Sim. — respondi — Vi uma cobra entre os galhos no chão e me assustei.

— Não tem cobra e nenhum bicho rasteiro perigoso nessa parte da mata. Mas não deveria gritar pro escuro. Ele pode ouvir você.

Olhei para meus amigos e ambos ainda estavam sentados debaixo da lona, tremendo de pavor.

— Me desculpe se o incomodamos.

— Da tranquilidade vem a tranquilidade. Da ordem vem a ordem. E da amizade a amizade.

Não entendi muito bem as coisas que ele disse, mas sorri em resposta e o homem devolveu o gesto, formando uma meia-lua nos lábios.

— Eu sou Raoni. Significa grande guerreiro.

— Eu sou Miguel... como o anjo, sabe?

Mordi a língua para não tropeçar nas palavras, pois já me sentia um idiota.

— Aqueles são meus amigos, Hugo e Jorge. Estamos esperando amanhecer para continuar com a viagem.

— A noite ainda demora muito a terminar. E por que Hugo e Jorge não

mostra a cara?

Não tinha como disfarçar aquilo, e não havia outra sugestão.

— Se assustaram! Estão com medo.

— Não precisam ter medo de Raoni, servo da mata. Não maus.

Olhei para meus amigos, que pareciam mais relaxados com as palavras do homem. Eles saíram debaixo da lona tal qual um bicho preguiça desce de sua árvore, e cautelosos como um suricate. Foram para perto de onde estávamos e levaram os lampiões. Isso permitiu uma visão melhor da figura à nossa frente. Os cabelos eram compridos até os ombros, com mechas trançadas em alguns pontos da cabeça. Usava um colar de penas e o que pareciam ser ossos de algum animal, que volta e meia sacudiam em seu pescoço, soando como pingos de chuva no telhado. O rosto, pintado de vermelho do nariz para cima, o deixava ainda mais assustador. No entanto, tinha uma expressão de serenidade. Seus olhos estavam alegres, formando pés de galinha e rachando a tinta seca.

— Desculpa a gente, moço. — disse Hugo, estendendo a mão para cumprimentar o homem.

Ele não agarrou a mão de Hugo, mas sim o braço, num aperto firme.

— Seja bem-vindo, Hugo.

Direcionou o braço para Jorge, que o agarrou, imitando o gesto.

— Jorge tem aperto forte, isso é bom! — disse o homem, sorrindo.

Notei que meus amigos pareciam mais calmos com toda a situação. Aquela figura transmitia calma, embora, lá no fundo, eu sentisse certo desconforto. Poderia ser apenas o susto ou o imprevisto de termos topado com mais alguém num lugar que acreditávamos estar deserto de vida humana. Não é disso que as pessoas têm mais medo? Do diferente, do incomum, do imprevisto?

— Tem sopa quente e peles para a noite fria. Venham comigo, pra nossa casa! —disse Raoni.

— Não queremos incomodar, precisaremos levantar cedo para...

— Não tem mais ninguém na mata. Ninguém vai roubar suas coisas. Não tem roubo aqui. — Ele sorria, exalando simpatia.

— Você mora na floresta? — perguntei.

— A floresta permite que a gente more nela. Vivemos nela há muito tempo.

Quando pronunciou as últimas palavras, o homem desviou por alguns segundos o olhar para a escuridão e observou o vazio, como se contemplasse

algum episódio de um passado distante.

— Mas deixemos de coisa. Convido a passar noite aqui, comendo, bebendo e contando histórias. Sim, hoje é lua cheia. Lua muito boa pra histórias.

O convite de repente não pareceu tão ruim. A ideia de comer e descansar com pessoas que não ficassem reclamando de tudo foi tão atraente para mim quanto para Hugo e Jorge, que sorriam de volta para o homem, balançando a cabeça em aprovação.

— Bom... bom! Tragam suas luzes... — O homem apontou para os lampiões nas mãos dos meus amigos. — e venham comigo para a tenda. Lá tem com conforto, boa comida. São bem vindos por mim e por Moacir, novo na família, quanto de minha própria parte, o antigo guerreiro da mata.

Aquelas palavras não faziam muito sentido para nós, mas para ele faziam muito e não discutiríamos com isso. Andamos atrás dele, guiando nossos passos com os lampiões.

Todo o caminho até a tenda do índio levou cerca de meia hora. Achei que havíamos caído numa armadilha. Confiando em um homem que nunca vimos antes, seguindo seus passos como cachorrinhos obedientes. Eu poderia estar sendo ingrato com a gentileza dele por ter tantas desconfianças, mas realmente toda aquela situação era muito estranha e, por mais que nos sentíssemos seguros em sua companhia, eu não parava de me perguntar no que estávamos nos metendo. Deveria ter obedecido minha intuição.

Após atravessarmos arbustos maiores do que nossos próprios corpos e adentrarmos numa pequena clareira iluminada, fomos logo surpreendidos por uma fogueira que ardia no centro. Em frente às árvores maiores que circulavam metade do campo, estava a tenda. Na verdade, era uma oca muito grande feita de palha e folhas de bananeira. Era muito maior do que eu imaginava. Caberia todos nós lá dentro e talvez até mais. Tinha o contorno circular e o teto era triangular feito de folhas e capim.

Observei melhor aquele espaço. Ao lado da oca havia bambus que suspendiam varais com couros de animais. Consegui identificar ao menos dois deles; um era um coelho e o outro um cão ou lobo. As outras peles poderiam ser de qualquer bicho daquela floresta. Por toda a extensão da clareira havia pequenos montinhos em formato de pirâmide, e ao nos aproximarmos, percebi que eram pilhas de pedras. Havia, também, tocos grossos de troncos de árvores espalhados pelo lugar. E mais a frente estava o segundo índio, sentado num dos tocos perto da fogueira, segurando um

pequeno tambor. Ele nos encarou com sobrancelhas frisadas, desconfiado, e levantou a palma da mão, como que dizendo para que parássemos.

Raoni tomou a frente.

— Não era perigo o barulho que ouvimos, Moacir. Eram esses três companheiros com medo da floresta.

Jorge bufou com a fala do índio. Não gostava de se passar por medroso na frente de pessoas desconhecidas. No entanto, permaneceu quieto, assim como eu e Hugo.

— Quem se embrenha na mata essa hora, numa noite como essa, não está para coisas boas! — disse o tal Moacir. — Digam, o que fazem na floresta? Sei que perdidos não estão!

Moacir nos observava de um jeito que penetrava minha alma como uma adaga. Nesse momento pude dar uma boa olhada nele. Vestia as mesmas roupas que o outro, porém, seu colar não era feito dos mesmos materiais. Um objeto amarelado e pontudo estava pendurado em seu pescoço. A princípio julguei ser uma ponta de flecha feita de osso, mas logo percebi que era muito fino para ser isso, e deduzi ser algum dente de um animal grande, grande como aquelas coisas... grande como ELES. Moacir tinha a pele tão preta quanto o céu daquela noite. Tanto que a tinta vermelha em seu rosto e corpo mal apareciam. Seus olhos eram apenas dois ovos brancos flutuando no escuro, refletidos no brilho das chamas. Todo aquele cenário dava ainda mais calafrios.

— Estamos de passagem — eu disse de uma vez, pois sabia que se um de meus amigos se pronunciasse antes, acabariam falando besteiras ou provocando o homem. — Estamos levando farinha de trigo para Santa Monica. Devem conhecer, sem dúvida.

— Fazem isso na escuridão da floresta?

— Acabou surgindo um problema. Tivemos que acampar na mata. Amanhã cedinho vamos voltar para a cidade. Não tem como viajar no escuro. Mas já devem ter nos visto alguma vez.

— A gente sempre passa por esses lado, moço. — disse Hugo, despertando a atenção de Moacir.

A voz de Hugo tinha calma, mas era notável sua cautela. Ele estava pisando em ovos, escolhendo bem as palavras que dizia. Também estava com medo. Quem não estava?

— De vez em quando a gente corta caminho aqui pela floresta. — continuou. — É um dia de caminhada, mas a gente sempre fica umas hora

andando na mata pra cortar caminho. Chegamo sempre à noitinha, mas hoje minha filha ficou doente e acabamo se atrasando.

— Então... — começou Raoni — vocês se atrasaram bem na noite de hoje?

— Hoje não é uma noite como as outras noites. — Moacir dizia — Daqui algumas batidas de tambor estaremos na meia-noite. E então vai ser especial.

— Vocês estão falando do Dia de Finados, certo? É tradição na cidade, todos estão falando disso.

— O Dia dos Mortos. — disse Raoni — A noite de hoje é muito importante para os espíritos da floresta.

— Ah! Santa Maria! — disse Jorge, abraçando o próprio corpo.

Hugo encarou Jorge com olhar assassino. Não sabíamos quem eram aquelas figuras. Só podíamos deduzir que eles moravam ali, em plena floresta. E pessoas assim costumavam falar de espíritos e coisas do tipo como se fosse algo tão natural quanto comer feijão com arroz. Hugo sabia disso e tentava agir normalmente, ignorando todo o medo que estava sentindo. Jorge era sempre bocudo e metido a besta. Estava demorando muito para acabar falando besteira. Porém, os índios não se importaram com o comentário dele. Pelo contrário. Riram e nos convidaram para sentar perto da fogueira.

Nos aconchegamos junto ao fogo. As chamas altas dançavam, chicoteando o ar como se tivessem vida própria. Senti meu rosto arder com o calor e o sangue circular nas bochechas. Pela primeira vez desde que encontramos aqueles dois homens da floresta, me senti um pouco mais tranquilo e despreocupado. Fogueiras sempre me faziam lembrar dos meus pais. Na minha época de menino, meu pai costumava acender fogueira atrás de casa, no quintal perto de um pequeno pomar que tínhamos. Eles sempre ficavam contando histórias perto do fogo e eu adorava ouvir. Eu pegava um graveto e colocava a ponta dele no fogo até que ficasse vermelho em brasa, daí, sacudia no ar da noite e desenhava linhas no meio do escuro com a linha vermelha e acesa que formava. Minha mãe fazia pipoca e levava para nós. Ficávamos a noite toda conversando, até que alguém pegasse no sono.

Mas o tempo passou, e agora eu não tinha mais meus pais e tudo não passava de lembranças. Vivía só, ainda que não naquele momento. Ali eu tinha meus amigos e a presença daqueles dois estranhos misteriosos que moravam na mata.

Jorge e Hugo levantaram as mãos e as esfregaram uma na outra para

aquecê-las, próximos das labaredas. Era notável que ambos estavam mais a vontade junto ao fogo. Era como se aqueles pequenos tocos de madeira em brasa e as chamas amarelas feito o sol tivessem um poder curativo para todos. Na verdade, estava mais para poder enganoso e ilusionista. Um falso conforto para nos desviar do foco. Para nos tirar da trilha da razão. Mas isso só descobri mais tarde. E meus amigos? Ó, pobres desgraçados, mal sabiam que a noite guardava muito mais que apenas o conforto de uma fogueira.

Só agora meço as consequências do que pequenas atitudes, aparentemente inocentes, nos colocam nas piores armadilhas. O medo do diferente, medo de ser indelicado, de dizer não, até mesmo a simples recusa de um convite para um pernoite em uma tenda. Tudo isso tem um poder inigualável de salvar nossas vidas. Só hoje sei disso.

— Mesmo em noite comum a floresta é perigosa. — disse Raoni, pegando um cachimbo. — Ela esconde coisas viva e não viva na escuridão. Não é nada bom gente da cidade a caminhar pelas árvores quando o sol se esconde. Ainda mais na noite de hoje? É, parece muito estranho.

— Só íamos dormir e voltar com a caminhada de manhãzinha — falei — Não ficaríamos perambulando na mata uma hora dessas.

— Ainda mais num escuro desses de arrepiá os cabelo! — disse Jorge.

— Nunca viram a gente andando por aqui antes? Fica mais fácil cortá caminho pela mata. — disse Hugo.

— Muitas coisa são diferente do que se aprende. — Moacir começou a dizer. — Pra nós, a hora de atividade é quando as estrelas e a lua brilham no céu. Quando amanhece e o sol dá as caras, dormimos. Dormimos profundamente. Por isso não lembramos de vocês. Pelo menos não conseguimos lembrar. De qualquer forma, não deveriam estar zanzando por aí numa noite dessas. — disse Moacir.

— Se não faz mal em perguntar... — falei — e já que estamos aqui comentando sobre isso... Por que a noite de hoje é tão perigosa? Digo... o que vocês acham sobre ela?

Fiz aquela pergunta não com o interesse lógico em descobrir novas crendices, afinal, Santa Clarice era cheia de gente acreditando desde Saci-Pererê até diabinhos presos em garrafas de vidro. Perguntei por pura curiosidade. Não é todo dia que se encontra índios de verdade morando na floresta.

— O Dia dos Espíritos é o dia que a floresta tá mais viva. — explicou Raoni. — Nossos ancestrais surgem pelos ventos que acariciam as copas das

árvores. Se mostram pela geada que cobre a relva. Mas sua forma principal são os lobos. Todos aqueles iniciados assumem forma de lobos e nos visitam no Dia dos Espíritos. Eles nos mostram e contam os segredos do agora e do depois.

Estávamos muito concentrados na explicação do índio, porém, a sensação gostosa que sentimos quando ele falou dos ventos e da relva logo se dissipou e se tornou um frio na barriga assim que ele começou a falar sobre Pessoas Lobos.

Em Santa Clarice é muito comum ouvir causos sobre lobisomens. Meu pai mesmo sempre me contava histórias escabrosas sobre isso. Lendas, por exemplo, de que se você fosse o oitavo filho de uma linhagem de homens, meus parabéns, você estaria amaldiçoado com a chaga do lobo. Ou se você profanasse o tumulto de uma pessoa que, em vida, fosse padre, mais uma vez estaria fadado a se tornar cão durante a lua cheia. São muitas as histórias que aprendi naquela cidadezinha. No entanto, escutar aquele índio falar de seus ancestrais aparecerem em forma de lobo... Aquilo não parecia uma lenda contada para meter medo em criancinhas que se recusavam a dormir cedo. Ele falava com tanta certeza, e seus olhos tinham um olhar tão hipnótico, que te levavam a acreditar com toda a fé do mundo naquelas palavras. Não era uma historinha de malassombro. Aquilo realmente fazia parte de uma crença antiga.

— A gente tava cantando, cânticos da mata, muito antigos, antes de vocês chegar. — disse Moacir, segurando e acariciando a presa de animal em seu pescoço.

— Pedimos desculpas por atrapalhar. — falei, abaixando a cabeça.

— Não tem problema! — disse Raoni, sorrindo — Era só cantorias que gostamos de fazer para atingir a conexão com o animal interior.

— Se estivermos interrompendo alguma coisa que vocês precisem fazer, poderemos voltar a nossa barraca e não atrapalharemos mais.

— Deixe disso! — disse Raoni, parecendo ofendido — São convidados de honra. É muito raro ter companhia de noite. Vamos celebrar só quando o sol nascer. A gente tem a noite toda para boas conversas.

Sorri de volta para Raoni, que a meu ver, era bem mais receptivo e gentil com nossa presença do que Moacir.

— Como está o caldo, Moacir? — Raoni perguntou, repousando a mão sobre o ombro do negro.

— Precisa cozinhar mais! — ele respondeu, olhando para a fogueira.

Só então percebemos um caldeirão de ferro de tamanho médio que ocupava parte da fogueira. Não havíamos notado ele ali antes. Sei disso pois, quando olhamos para aquela panela de ferro sendo lambida pelas chamas avermelhadas, meus amigos pularam com o susto.

— De onde saiu essa coisa? — gritou Jorge, estupefato.

— Estava aí mesmo desde que chegaram. Sempre tava aí. — respondeu Moacir, sorrindo com o espanto de Jorge.

Foi a primeira vez que vimos ele sorrir naquela noite.

— Que estranho! — falei, sacudindo a cabeça e coçando os olhos para me certificar de que aquilo não era um truque de uma mente cansada. — Estive olhando para o fogo desde que nos sentamos e não me lembro de ter visto nenhum cozido. Nem mesmo o caldeirão.

— A mente prega muitas peças. — disse Raoni. — Não ia ver um cogumelo avermelhado como o pôr do sol e do tamanho de um homem adulto nem que estivesse bem na sua cara, se estiver cansado.

Concordei com a cabeça, e quando olhei para meus amigos, percebi que estavam mais relaxados. Porém, ambos coçavam os olhos com as pontas dos dedos da mesma forma que eu fizera.

— Mas entendo que tudo é possível, e que tem muitas dúvida em suas cabeça. Experimentem tocar no caldeirão, o calor vai mostrar que ele é muito real. Ou então puxem o ar ao seu redor com seus narizes e vão sentir melhor cheiro de cozido que pode existir. Isso também prova que o ensopado sempre tava ali no fogo. Cozinhando.

Fizemos o que ele disse. Inspirei o ar com vontade. Jorge e Hugo fizeram o mesmo. Para minha surpresa, senti meu estômago roncar com aquele cheiro que não serei capaz de descrever com palavras. Meus amigos soltaram expressões como “Que maravilha!”, “Que belezura de cheiro!”. Eu apenas continuei me deliciando com aquele aroma quente e saboroso. Senti a saliva começar a brotar debaixo de minha língua e engoli tudo. Só posso dizer que aquilo era sem dúvida o cheiro de uma refeição estupenda que, no meu íntimo, torci para ser convidado a provar.

— Mas cheira bom demais da conta! — disse Jorge com a língua para fora, feito um cão de rua faminto.

— O que é que vocês tão cozinhando nesse caldeirão... pra cheirar tão... bom desse jeito? — perguntou Hugo, tropeçando nas palavras.

— Estamos fazendo carne. Carne ótimo alimento para a noite de hoje. — disse Raoni. — E estão mais do que convidados a se comerem conosco.

Os olhos dos meus amigos brilharem de satisfação. Ambos admiravam a fumaça que saía da panela como se estivessem assistindo um fabuloso espetáculo.

— Mas não agora! — Moacir disse. — Só pode comer no dia dos espíritos. Coisa que será em algumas horas.

Não pude deixar de notar a expressão entristecida nos rostos de meus amigos, e também não nego que me desapontei um pouco. Ignorei os roncos de meu estômago e concordei com as ordens dos índios.

— Sem problemas! Ninguém vai morrer de fome até a meia-noite. Certo? — eu disse, olhando para Jorge e Hugo, que continuaram desapontados.

— De qualquer modo, carne de lobo demora cozinhar. Leva muito tempo pra a água fervida tirar todo o proveito do sacrifício.

Aquelas palavras de Moacir me deixaram um pouco assustado de início, mas a ideia de comer carne de lobo não me pareceu tão estranha devido às circunstâncias daquele momento. Estávamos no meio do nada, com homens da floresta. Recusar uma refeição, por mais esquisita e diferente que fosse, seria grosseria. Como eu disse, o medo de ser indelicado... aquele cheiro... Muitos dos homens, até mesmo o mais sábio dos sábios, poderiam morrer com facilidade pela boca.

— Vocês comem lobo? Lobo de verdade? — disse Jorge, ainda mais interessado no caldeirão.

Jorge era do tipo que criava as próprias galinhas no quintal de sua casa para matar e comer. Praticamente todo bicho que via pela frente era uma possível refeição. Costumávamos chamá-lo de Zé Panela.

— Sim! — confirmou Raoni. — Os lobos é o coração da floresta. Muito especiais na noite de hoje. A gente começou a temperar na hora certa. Os cântico e a batida do tambor deixam a carne macia e faz com que o espírito do animal chegue perto, pertinho da gente.

Eu ouvia a explicação com as orelhas em pé, prestando atenção em cada palavra. Aqueles costumes eram novidade para mim.

Sempre frequentei a biblioteca pública de Santa Clarice. Lá não há um cardápio tão variado de literatura, mas se encontrava alguns volumes de enciclopédias e outros livros sobre história, que sempre foi a área que mais adorava ler sobre. Já havia estudado alguma coisa sobre o culto do lobo em algumas culturas, assim como o xamanismo. A maioria dos livros sempre trazia o mesmo tipo de informação, muitas vezes bem limitada sobre o

assunto. Sei que nas tribos nativas americanas, é aceita a ideia de que todas as pessoas têm um espírito animal de poder, e esse animal o ajuda e o protege dos malefícios. Aprendi também que o lobo é um símbolo de autoridade e força. Claro, tudo aquilo era um ponto de vista místico, mas estou escrevendo aqui exatamente o que li nos livros de história.

Mesmo assim, em nenhum dos meus estudos sobre tais assuntos, jamais me deparei com algo do tipo. Não sou especialista de culturas indígenas, mas comer carne de lobos deveria ser algo específico daquele povo que encontramos.

Hoje, forçando a mente a me concentrar nos detalhes daquela noite, me deparei com coisas que não sei bem se eram verdade ou detalhes infiltrados pelas noites de pesadelos que me foram dadas devido àquele inferno. Lembro-me de coisas como peles que, com certeza, eram de lobos, penduradas na soleira da entrada da oca. Pode ser coisa da minha cabeça cansada e atormentada, mas também pode ser verdade. Mesmo assim, não torna o terror menos profundo.

Depois de tudo que passei naquela floresta, joguei todo o meu conhecimento adquirido nos anos frequentando a biblioteca e lendo o máximo de livros possível, que na maioria das vezes era feito pelo puro prazer da leitura, no lixo.

Raciocinando melhor agora, acho que meu maior medo é essa raça não estar limitada apenas ao Brasil. Fico me perguntando por onde eles estão. Se existem mais deles espalhados por aí... se multiplicando.

O fogo continuava alto, e a madeira vermelha em brasa estalava. Moacir alimentava as chamas com mais lenha, mantendo o cozido sempre no mesmo ritmo, fervendo e borbulhando. Jorge assistia o caldeirão e Hugo prestava atenção na explicação de Raoni sobre os lobos e o Dia dos Espíritos.

— A gente chama de Dia de Finados lá na cidade. — disse Hugo. — Todo mundo leva flor e vela pro cemitério pra rezar pelos parentes que já se foram.

— A gente sabe bem como é a cidade. — disse Raoni — Moacir lembra melhor do que eu. Não faz muito tempo que ele deixou civilização para ser filho da mata.

Olhamos para Moacir. Ele apenas observava o fogo, como se este fosse

lhe contar algum segredo.

— É um gesto nobre honrar os mortos. — continuou Raoni — Poucos se lembram da importância disso. Preservar o espírito dos mortos é mesma coisa que lembrar de quem fomos ontem, antes de ser quem a gente é no hoje.

Por vezes, a fala de Raoni se tornava confusa e era preciso mais atenção para compreender o que ele queria dizer. Notei que muito do que saía de sua boca vinha em forma poética e até mesmo sua pronúncia se tornava musical. Era como se tanto ele como Moacir vivessem numa frequência diferente e estivessem tentando nos fazer vibrar na mesma sintonia.

— Acho que é uma boa hora pra histórias do passado, Raoni. — disse Moacir.

— Ótima ideia! — concordou o outro. — Sim, não tem hora, nem no começo e nem no fim, mais boa pra histórias. Principalmente as de assombração.

— Valha! — exclamou Jorge. — Falar de assombração só vai fazer chamar essas coisas!

— Histórias não tem mal nenhum. — disse Moacir.

Ele falou com a voz mansa, como se estivesse tentando acalmar Jorge. O que era estranho, pois Moacir pareceu mal-humorado desde que nos encontramos. Achei que ele não ligasse para o nosso bem-estar. Hoje, desconfio se em todos os momentos que ele usava palavras doces não seriam somente táticas usadas para não nos deixar ir embora.

— O medo é coisa natural do homem... — ele continuou falando. — Assim como a fome, a sede e o sono. O medo do que não conhece é só instinto natural do bicho homem. É um instinto, e também necessidade. E que forma melhor para satisfazer a necessidade do que se render a ela? Pois o medo, quando alimentado, deixa de ser medo, é a melhor forma de vencer ele.

— Li em algum lugar que a melhor forma de vencer o medo é o encarando. — falei, aproveitando o rumo da conversa.

— Muito esperto! — pronunciou Raoni. — O que acha das histórias dos antigos, Moacir? Aquelas que contei no dia que você chegou.

— Sim. Os antigos! Seu sofrimento se tornou lenda, e sua dor... mito. Não vejo hora melhor pra trazer essas história em forma de palavras no vento.

— Quem são os antigos? — perguntou Hugo, cheio de curiosidade.

— São os primeiros. Os parte homem e parte lobo.

— Valha! Tá falando de história de lobisomem?— Jorge fez o sinal da cruz sobre o peito.

— O povo antigo tem muitos nome. Sua imagem foi invertida e mentiram sobre eles ao longo das luas. Mas as história sempre foram as mesma. Passando de pai para iniciado com o passar do tempo, elas ainda permanece fiéis como nunca, sem nenhuma mudança. Isso é incrível, é mágico! — disse Moacir.

— Onde vocês aprenderam? As histórias. — perguntei.

— Aprendi com o mestre Raoni, Guerreiro da mata, que aprendeu com seus próprio mestre, que não tão mais conosco. E assim por diante.

— Nos conte. — disse Hugo, com os olhos arregalados de ansiedade. — Conte as histórias, deve dar medo mesmo!

— Oras, Hugo. — Jorge se pronunciou — Você tava borrando as calça agora pouco por causa das lenda de fantasma. Agora tá aí querendo ouvir coisa escabrosa?

— Não ouviu eles, Jorge? São só histórias! E tamo em segurança aqui na fogueira.

— Não tenha medo. — disse Raoni. — As histórias dos antigos não são comuns, mas vem carregadas de aprendizado. Daquilo que devemos ou não fazer, e no que acreditar.

— Pois se ajeitem perto do fogo e se aqueçam. — começou Moacir. — Creio que não temos muito tempo para muitas história, elas são longas e precisa de muito cuidado. Nada pode ser fantasiado ou mudado, precisa contar como foi contado no passado. Mas vou contar só uma delas, uma história que pouca gente conhece. Vão descobrir que existe escuridão até na mais inocente das criatura, assim como dor, sofrimento, e vão saber tudo sobre as consequência de uma má escolha.

“No passado, existia uma pequena casa no bosque...”

Você! Seja lá quem for que esteja lendo meus escritos. Saiba que agora passa da meia-noite e é oficialmente o Dia de Finados. Temo, pois sei que meu tempo está reduzido, afinal, em breve o sol vai nascer. Como prometi no início dessas páginas, contarei sobre o dia que vi o diabo. E é o que farei. Mas antes disso preciso contar tudo o que passei e ouvi naquela noite. Só assim, provarei que não foi loucura. Era real, Eles são reais e em breve

estarão aqui. Sinto isso nos ossos. Posso ouvir os tambores. Estão distantes e quase inaudíveis para os ouvidos dos outros. Eu vi o diabo, eu ouvi aquele som atormentador dos batuques na escuridão. Poderia ouvi-los mesmo se estivessem a quilômetros de distância, e hoje eles estão lá, em algum lugar na floresta ao redor do instituto, se preparando.

Caro leitor, tentarei escrever a história que me foi contada naquela noite com o máximo possível de precisão dos detalhes da narrativa daqueles índios. Ela é uma história semelhante a lendas antigas, mas merecem ser registradas. Antes de ler, saiba que sinto que ter conhecimento dela pode ser um tanto perigoso. Desconfio que ela tenha o poder de despertar a atenção DELES. Ler a história a seguir poderia ser uma forma de aguçar o faro do diabo. Portanto, tome cuidado e não leia isso em voz alta. Prosseguirei agora com a narrativa de Moacir. Tentarei ser preciso, pois creio ter ouvido uivos a distância, agora, enquanto escrevo.

No passado, existia uma pequena casa no bosque. Um lugar afastado, longe de confusão. Nela morava uma família. Carmem era a única filha de seus pais. Uma jovem aventureira e cheia de vida que passava parte de seus dias andando pela floresta, procurando animais ou novas espécies de plantas. O que mais amava fazer era subir nas árvores próximas das casas de seus vizinhos e espiar a vida deles, pois muitos eram os segredos a serem descobertos.

Desde que Carmem começou com aquele hábito, havia descoberto muitas coisas que os outros jamais desconfiariam. Coisas perigosas e sérias.

Certa manhã, estava matando o tempo num carvalho com galhos finos e fortes perto da casa de sua vizinha, melhor amiga de sua mãe. A mulher era casada com um lenhador que vendia madeira para todo o vilarejo. Aquela casinha tinha tudo para ser palco de um simples casal sem filhos, cujo marido cortava madeira, vendia lenha e sua esposa passava os dias visitando as amigas do outro lado do vilarejo. Carmem sabia que a mulher saía todos os dias no mesmo horário, logo depois do almoço. Ficava quase a tarde toda fora, enquanto seu marido recolhia madeira do bosque e levava para casa, até que transformaria tudo em tocos. Mas o lenhador não entrou na floresta naquele dia para apanhar madeira.

Carmem o seguiu. Nunca fizera isso nas suas vigílias, mas aquele dia

foi diferente. Uma curiosidade maior tomou conta dela. Sentia uma forte comichão tomar todo seu corpo. Sabia que aquela sensação desconfortável não passaria a menos que acompanhasse os passos do lenhador e observasse cada um de seus movimentos.

Com o capuz marrom que cobria quase todo seu rosto, ela o seguia. Em passos lentos e objetivos, caminhava com cuidado para não acabar pisando num galho seco e fazendo barulho. Não podia ser descoberta. Que explicação daria ao homem? Pior ainda... o que diria a seus pais caso descobrissem que sua filha estava o espiando, entrando sozinha no meio da floresta atrás de um homem casado?

Não! Ser descoberta era algo que nem queria imaginar. Ainda assim, ela continuava atravessando os galhos secos da floresta atrás dele. Era mais forte que Carmem. Era como se seus pés tivessem vida própria, ou como se seu corpo estivesse amarrado por uma corda invisível que a puxava e puxava... De alguma forma, Carmem sabia que o lenhador estava planejando algo que não queria que ninguém soubesse. De todas as vezes que observara aquele casal, nenhuma delas o homem foi tão longe na floresta. Aquela era uma vez especial, e logo ela também descobriria. Da pior forma possível.

O homem andou até certo ponto da floresta, onde seria impossível que fosse descoberto. Ninguém o veria ali, em meio aos grossos troncos dos jatobás. Ele desceu uma leve inclinação do solo e permaneceu nos pés de uma grande castanheira, mal sabendo que um par de olhos o observava.

Carmem não desgrudou a visão dele nem por um segundo. O que ele estava fazendo afinal? Ali, parado feito uma raiz? Foi quando notou que as mãos dele estavam inquietas. Puxava os dedos sem parar, estralando os nós, fazendo um barulho alto semelhante a galhos se partindo. Ele estava nervoso, isso dava para notar. Pela primeira vez naquele dia, Carmem sentiu medo.

Ela estava escondida a poucos metros da pedra onde o lenhador havia se sentado. Com o corpo encolhido, ela se esgueirou para dentro das sombras de alguns arbustos e ficou imóvel como uma pedra. Seu nervosismo aumentava de acordo com a impaciência do homem que olhava de um lado para o outro. Ela não estava totalmente escondida. Bastaria um olhar mais atento para os arbustos para que fosse descoberta. Mas isso não a fez ir embora. Ela permaneceu parada. Precisava descobrir. Precisava saber... Precisava!

Então Carmem ouviu um barulho. Alguma coisa estava vindo para perto dela. “Ah, não!”, pensou. Seria descoberta. Estava acabado. Ouviu o

barulho das folhas secas sendo moídas com as pisadas de alguém que se aproximava. A mulher do lenhador? Sua mãe? Ou pior, seu pai? Viria para lhe agarrar pelo braço e lhe matar de surra. Mas não era nenhum deles. Um vulto passou ao lado dela, o que lhe fez prender a respiração. O mesmo vulto se afastou e foi em direção ao lenhador. Ela conhecia muito bem aquele homem. Era o alfaiate, o mesmo que sempre ajeitava os seus vestidos da missa de domingo, quando sua mãe levava para o conserto. Ela odiava aqueles vestidos. Mas o que ele estava fazendo ali?

Carmen soltou a respiração quando o alfaiate cumprimentou o lenhador. Não tinha sido vista. Foi por tão pouco, pensou ela. Se ele tivesse apenas se virado e olhado para baixo, teria lhe visto. Por hora, estava a salvo e sua vigília continuava com cada vez mais perguntas do que respostas.

Os dois conversaram por alguns segundos e depois olharam ao redor, se certificando de que estavam sozinhos. Nesse momento Carmem abaixou a cabeça e tentou se tornar invisível em meio aos arbustos. Ela respirou com cautela, tomando cuidado para não acabar soltando algum gemido que a comprometesse.

Carmen voltou a sua posição e continuou observando a cena que se desenrolava. O que viu lhe tirou totalmente o fôlego, e precisou cravar os dedos na terra para não desmaiar. Os dois homens estavam grudados um no outro, se abraçando. Mas aquilo não era um simples abraço. Eles estavam se beijando e se apertando. Segurando em coisas que não deveriam segurar. Carmen não era boba e sabia o que aquilo significava. Sua mãe havia lhe explicado coisas sobre como eram gerados os bebês, mas não disse muitos detalhes. Mesmo assim, Carmem sabia de tudo o que acontecia graças às suas vigílias pela vizinhança. Ela havia presenciado algumas cenas indecentes nas casas de seus vizinhos, mas nunca daquele jeito. Aquilo era novo, algo que ela nem mesmo sabia que existia ou que fosse possível.

Eles se apoiaram no tronco da castanheira. O lenhador com o peito colado na árvore, enquanto o alfaiate abaixava tanto a sua própria calça quanto a dele. Carmen estava zonzinha. Sentiu a língua ficar seca e dormente e percebeu que estava com a boca escancarada. As nádegas dos homens, brancas feito leite, as arfadas que saíam das bocas deles, mescladas com gemidos... tudo aquilo a afetava de uma forma que nunca sentira. De algum jeito, ela sabia que era errado. Tanto o que eles faziam ali escondidos, quanto ela também. Não deveria estar ali. Era errado. Era errado. Era errado.

De repente, os homens começaram a se mexer de um modo estranho. O

alfaiate, indo para frente e para trás com o quadril, enquanto o lenhador dava gritos de dor. Eles estavam fazendo aquilo. Aquilo que um homem faz com uma mulher. Mas como? Como era possível?

Carmem ficou cada vez mais tonta. Sentia as laterais de sua visão escurecerem como se alguém apagasse os lampiões, a abandonando na escuridão. As mãos suavam, a garganta secava, como se tivesse engolido areia. O coração explodindo no peito. E então aquele barulho.

Tudo aconteceu rápido, como um piscar de olhos. Carmen não soube de onde se ouviu aquele quebrar de galhos. Talvez fora ocasionado por suas mãos que apertavam o solo. Poderia ter quebrado algum galho sem perceber. Ou poderia ter sido somente uma fruta que caiu das árvores no chão. Não importava. Era tarde demais.

Os homens olharam diretamente para onde ela estava, e dessa vez não foi possível abaixar a cabeça e tentar se esconder. Carmem arregalou os olhos em pavor. Não conseguia respirar. O que eles fariam? Bateriam nela por fazer coisas que não devia? Brigariam com ela? Para sua surpresa, em vez de tudo isso, o espanto e o horror eram mais evidentes neles do que nela própria.

— Eu... Me descul... eu... não queria...

As palavras se formavam em sua mente, mas a garganta as proibia de sair. Queria se desculpar, dizer que não contaria para ninguém. Não conseguiu. Não podia falar, não podia.

— O que você está fazendo aí? — gritou o lenhador, com lágrimas nos olhos. — Quem é você?

— Parece uma garota! — disse o Alfaiate, subindo a calça apressado, com as mãos tremendo.

Carmen se levantou, mas suas pernas pareciam bambus num vendaval. Acabou indo ao chão. Com as costas na folhagem seca, olhou para o céu claro daquela tarde. Sua vista se apagava cada vez mais. “O que está acontecendo comigo?”, se perguntou. Sentia uma sonolência. A escuridão tomava conta daquele céu azul. Sua vista perecia, formando uma moldura enegrecida perante o céu.

— Santo Deus! Ela me viu! A vagabunda me viu! — disse o lenhador.

— Acho que desmaiou. Ela está caída no chão, fique calmo, vamos resolver!

— Calmo? Ela me viu! Essa putinha me viu!

Ela tombou a cabeça para o lado e viu dois vultos se aproximando. Carmen sabia que eram os dois homens que estavam pecando no meio da

floresta. A cena se repetiu em sua mente, os dois agarrados, fazendo aquilo. Agora ela sabia de tudo. “Ó meu Deus, o que vão fazer comigo?”, se perguntou. Não podia ser apanhada. Se conseguisse correr para sua casa e explicar tudo para os pais antes dos homens, talvez eles entendessem. O pecado deles era maior que o dela, não?

Sentiu as palmas das mãos arderem enquanto rastejava para longe. Carmen olhou de relance para o lado. Eles estavam mais perto, muito mais perto. Mas não foi isso o que a assustou. O que a deixou apavorada foram as expressões nos rostos daqueles homens, sobretudo a do lenhador. A visão começou a se tornar nítida novamente, e as imagens começaram a sair da escuridão e retornar para a luz. O olhar do lenhador era capaz de aterrorizar o próprio diabo. Seu rosto estava molhado pelas lágrimas, aquelas eram de desespero e medo. Havia algo a mais naquela face. Ódio, um ódio mortal, como se faíscas vermelhas fumegassem em seus olhos. Aquilo a assustou, aquilo a deixou aterrorizada. Aquilo a fez se levantar num pulo e correr.

Plantas corriam ao seu redor, por vezes arranhando seu rosto, rasgando sua capa. Não podia parar, não podia cair. Gritos ecoavam atrás dela: “VOLTE AQUI!”, “SUA PUTINHA MISERÁVEL VOLTE AQUI! VOLTEEEEE!”. Começou a chorar e tudo que pensava era em chegar em sua casa.

Corria com os braços à frente, empurrando os galhos secos que impediam sua passagem. Era como se a mata se fechasse e bloqueasse cada vez mais o seu caminho. Num piscar de olhos estava dentro de uma clareira.

Os gritos pararam, e ela mergulhou no silêncio. Notou que não sabia que lugar era aquele. Para aonde tinha corrido? Qual lado ficava o vilarejo? As lágrimas escorreram em enormes gotas quentes por seu rosto, misturadas ao suor.

— Sua puta! — disse a voz atrás dela.

Antes que se virasse, o lenhador atingiu sua cabeça com uma tora, fazendo um baque seco. Seu pescoço dobrou como um talo de milho e se quebrou. O corpo caiu no gramado, e um lago vermelho começou a nascer debaixo de sua cabeça, se expandindo cada vez mais, regando o solo.

Havia a floresta, um corpo morto, sangue... Ah, como havia sangue... E por fim, os dois homens. Ambos não sabiam o que fazer. O alfaiate virou o corpo, que estava de bruços no chão. Reconheceram a garota. Era a filha do Casal da Praga. Eles os chamavam assim devido ao passado deles. Todo o vilarejo sabia, até mesmo as crianças. Talvez fosse aquele o motivo da jovem

Carmem ser tão solitária. Mesmo depois de alguns anos, mais crescida, continuava sozinha, longe de todo mundo. Apenas observando de longe.

A verdade era que o Casal da Praga havia engravidado no passado. Quanta felicidade foi aquele dia. O primeiro filho era uma benção de Deus, sem dúvida. Mas na noite do nascimento, a parteira deu a má notícia de que o menino nascera morto. Aquilo abalou o casal de um jeito que é impossível de se imaginar. A pior das dores. Sim, a pior. Até mesmo martelar pregos nas unhas doeria menos. Ficaram desolados, inconsoláveis. É o amor que cura a dor, não o tempo. E quanto amor tiveram quando engravidaram outra vez. Não poderiam ter recebido maior alegria depois de todo aquele tormento. Mas as coisas nem sempre saem como desejamos. E o segundo menino, depois de ter passado nove meses no útero de sua mãe, nasceu morto. Quando o terceiro menino também faleceu no parto, as pessoas começaram a falar. Havia algo de errado no fato de que bebês fossem gerados daquele modo e morressem exatamente no momento em que viam a primeira luz do lado de fora do ventre. Mas era possível. Foram três, depois quatro, e assim foi até o sétimo filho. Nem um sobreviveu. O casal estava amaldiçoado, não havia outra explicação. Só podia ser alguma praga mortal enviada para puni-los de algum pecado. Não bastavam olhares tortos, desconfiados, para abalar ainda mais aquela família. A mulher chorava pelos cantos. O homem passava a vida a brigar com a esposa para que parasse aquela choradeira infernal. Tudo parecia perdido, até que se descobriram mais uma vez grávidos. O que antes seria recebido com emoção e alegria, agora era medo e preocupação. A insegurança latejava como uma artéria. A mulher não tinha dúvidas de que o bebê nasceria morto. E tamanha foi a surpresa e felicidade daquela família por verem a menininha forte e saudável que dava boas-vindas ao mundo. Carmem nascera em ótima saúde, e os pais juraram protegê-la de qualquer mal que pudesse lhe tocar. Triste saber que nem sempre o mal pode ser evitado.

O lenhador estapeou o próprio rosto para se livrar dos pensamentos e começou a planejar o que fariam.

Ambos decidiram que ali era afastado o bastante para que alguém a encontrasse. Mesmo assim era preciso se livrar do corpo. O lenhador correu até sua casa e buscou pás para cavar a terra.

No final, acabou que enterraram a menina ali mesmo, na clareira em que havia perecido, e junto com as últimas pisadas das pás na terra, ficou a promessa de que jamais falaria sobre aquilo, com ninguém.

— Temos que esquecer o que fizemos... — o alfaiate disse, secando as lágrimas e o suor do rosto.

— Esquecer seria tolice. — interrompeu o lenhador. — Uma coisa dessas não se esquece!

As lágrimas do alfaiate regaram a cova da garota. Estava prestes a enlouquecer. O que haviam feito?

— Escute — disse o lenhador segurando os ombros do outro, sabendo que isso o acalmaria. — Nunca estivemos aqui! Isso nunca aconteceu. Entendeu?

O alfaiate apenas balançou a cabeça, concordando.

— Quero que repita em voz alta. ISSO NUNCA ACONTECEU!

— Isso nunca aconteceu. — repetiu com a voz fraca.

— Agora repita isso para si mesmo até que acredite.

Ambos foram para suas casas, sem falar nada, porém, com as cabeças cheias de pensamentos. Aquilo nunca aconteceu, eles nunca estiveram ali, nunca... nunca!

A noite vem acompanhada de muitos segredos e mistérios. Parte deles, para sempre ocultos pela cortina dos sonhos. Mas se passarmos a noite em claro, notaremos muitas de suas peculiaridades. Os cheiros que pairam no ar noturno. O aroma do sangue fresco...

Quando a lua cheia brilhou no céu logo acima da cova profana da pobre Carmem, os lobos apareceram. Alguns, com pelos tão pretos quanto a borra de café. Outros eram encardidos, com as patas sujas pela terra do bosque. Eles caminhavam ao redor da cova, pisoteando o solo como que o amaciando, deixando pegadas por toda parte. Cada vez chegavam mais lobos. Vinham de todos os lados da clareira, como se estivessem brotando das árvores.

O cheiro do sangue estava por toda a parte, e acima de todos os odores que aquele santuário abrigava, um era mais forte. O cheiro da oitava filha. Reconheceriam aquele sangue raro até mesmo do outro lado do mundo. Aquilo abriu o apetite das feras, e toda a matilha passou a escavar a terra com as patas.

Cada vez mais lobos se juntavam no meio da terra remexida. As patas, tão grandes quanto uma cabeça de leopardo, raspavam e perfuravam o chão, espalhando terra ao redor, sujando pelos e focinhos. Aos poucos, um par de pés surgiram. Depois as pernas, e logo o corpo todo foi revelado ao luar. A matilha se afastou e cada lobo se sentou ao redor da pequena cova. O cadáver

jazia enegrecido pela terra. Havia capim dentro das narinas e algumas formigas marchavam para fora de sua boca.

Um dos lobos negros caminhou por cima do corpo, dando voltas com as patas como se estivesse amaciando a carne morta. Ele parou com o focinho próximo ao rosto da garota. Então soube. Soube tudo o que havia acontecido. Viu a pequena alma curiosa e juvenil, o espírito de uma menina que acima de tudo queria encontrar o que explorar. As crianças encurralando-a num valezinho e atirando lama em seu rosto, xingando-a de praga. As surras que o pai lhe dava toda vez que era pega andando muito longe no bosque. O lobo viu tudo e escutou tudo. Sentiu a presença de dois homens, ambos tomados pelo fogo do instinto. Um deles segurando um pedaço de tronco e correndo atrás da menina. E quando a alcançou...

Uma lágrima escorreu do olho do lobo e foi absorvida na pelagem preta. Seus gemidos anunciaram o choro. Ele ergueu a cabeça para cima, como se fosse devorar o céu noturno, e uivou. Um uivo tão alto e profundo que todos da matilha sentiram sua tristeza e começaram a uivar junto. Um coro triste de dor e sofrimento.

Mas aquilo não poderia ficar assim, poderia? Um terrível assassinato sem nem mesmo ter tido a chance de se defender? A injustiça, a covardia, o medo, o grito... o grito morto na garganta. A dor... dói! Dói muito!

Os uivos cessaram. O lobo grande enterrou o focinho na boca do cadáver e passou a mastigar alguma coisa. Os outros apenas observaram, prontos para agir quando lhes fosse permitido. O beijo do lobo durou pouco tempo e, quando se afastou, tinha a língua da menina nos dentes. Mastigou e engoliu. Aquele era o sinal. Toda a matilha avançou no cadáver e passou a devorá-lo.

Em poucas horas, a carne da garota havia alimentado toda a matilha, sobrando apenas ossos e restos misturados ao solo. Os lobos se organizaram ao redor da cova mais uma vez e começaram a empurrar a terra com as patas traseiras para dentro do buraco. Dessa forma, pouco a pouco, o que sobrara de Carmem foi sendo coberto.

Quando toda a cova estava fechada pela terra fofa, os lobos uivaram mais uma vez e bateram em retirada. Sua missão havia sido cumprida, e seu presente, dado. Estava consumado.

Essa foi a história da morte de Carmem. Noite cruel, de raiva e angústia. Nenhuma morte tomada de tamanha injustiça pode permanecer em vão. Não é assim que deve ser. A natureza sempre age, de uma forma ou

outra. Ela apara as arestas para que tudo possa fluir em perfeito equilíbrio. E é assim que o rio continua correndo. Mas os assassinos não sabiam disso.

No dia seguinte, ao amanhecer, os homens voltaram às suas rotinas. O alfaiate não conseguira dormir bem. Apenas revirou-se na cama, de um lado para o outro, ouvindo aqueles gritos. Mas os gritos não eram físicos, não mais. Eram os gritos dela, e permaneceram atormentando o homem por toda a madrugada. Atormentado pela culpa e pelo medo do que fizera, decidiu abrir a oficina mais cedo. Tinha algumas roupas para terminar e isso lhe ocuparia a mente.

O lenhador também levantou cedo. Não porque tinha a consciência perturbada, muito pelo contrário – estava aliviado de ter se livrado de um grande problema que poderia arruinar sua vida. Estava até feliz de ter de abastecer o estoque de madeira. Com o inverno chegando, as pessoas começariam a fazer pedidos de lenha. Um pouco de trabalho duro cairia muito bem para se distrair.

Ele saiu de casa e pegou seu carrinho de mão. A manhã estava fria e úmida. Encontrar madeira seca seria um desafio, porém, conhecia um lugar onde algumas árvores haviam sido derrubadas por raios na última tempestade que atingira o vilarejo, meses antes. O lugar era coberto por muitas figueiras, e sem dúvida os troncos caídos já deveriam estar secos e protegidos da geada.

Sua mulher apareceu na janela, com os cabelos presos e bocejando.

— Acordou cedo.

— Vou renovar o estoque.

— Temos o bastante.

— Mas o resto do vilarejo não. E logo virão atrás.

— Entendi. Não demore muito. Hoje vou fazer sua torta de avelã. — ela disse, sorrindo, grata pelo marido bondoso e trabalhador que tinha.

O lenhador jogou um beijo para a esposa, agarrou o carrinho de mão, adentrou no bosque e desapareceu. Aquela foi a última vez que o viram.

O mato era alto naquela parte e as figueiras tampavam quase toda a entrada de luz, deixando a floresta em tons cinzas e azul escuro. Quando o lenhador chegou até os troncos grossos partidos, que era onde os raios haviam atingido, sentou numa das raízes protuberantes que pareciam banquinhos improvisados. Ali, ele sempre comia uma fruta que trazia consigo, ou permanecia um tempo assobiando antes de começar a cortar os troncos.

Mas uma coisa estava diferente das outras vezes que esteve ali. Sentia

um clima incômodo. Sentia-se observado. As árvores, de repente, tornaram-se diferentes, ameaçadoras feito um predador. Aquele peso caiu sobre o lenhador, arrepiando-o. Olhou para lá e para acolá, mas não via ninguém. Estava sozinho. Então, por que aquela agonia permanecia?

Foi quando ouviu o estalar de galhos. Não era um som normal da floresta, era o som de galhos se partindo, como se alguém os pisoteasse. O barulho ficava mais alto, e o homem começou a achar que poderia ser algum animal. Veados, talvez?

Isso não impediu o medo e a insegurança. O horror cresceu ao sentir o cheiro. Aquele odor podre de cachorro molhado, como uma carniça se decompondo na umidade. Percebeu que a floresta havia ficado mais escura, e ao olhar para cima não enxergou mais a claridade. O que estava acontecendo? Se viu de repente em meio à noite mais profunda. Sua respiração acelerou quando algo aconteceu.

Tudo ocorreu tão rápido quanto o descer de um machado num toco de madeira. Um peso em suas costas o empurrou num tranco forte. Caiu no chão na mesma hora e bateu a cabeça numa pedra. A vista escureceu e, antes que apagasse de vez, olhou para cima e teve tempo de ver que as árvores se moviam com o vento sobre ele, testemunhas de todo seu horror. A dor no tornozelo não deixava dúvidas de que era arrastado por alguma fera. Tamanha foi a dor, que apagou no mais profundo sono.

Quando abriu os olhos, foi tomado pelas dores. A têmpora latejava e as costas ardiam. Se levantou num pulo e viu aquele lugar. A mesma clareira, o mesmo cheiro da terra... era como estar preso num *déjà vu*, e precisou apertar os olhos para ter certeza de que não estava sonhando. Mas tudo era real.

O lenhador sentiu uma dor aguda no tornozelo que o fez despencar de volta ao chão. A barra de sua calça estava em frangalhos, tingida e empapada de vermelho. Ao puxar as tiras de pano que antes eram a perna de sua calça, sentiu a bile subir pela garganta. Era como ter o pé arrancado a machadadas. Só então viu o problema, com um grito de horror morrendo na garganta, pois não teve forças para vomitá-lo.

Não sabia dizer como seu pé ainda estava preso ao corpo. Olhar para ele foi um sacrifício, pois fora uma parte sua. Não era o pedaço de uma árvore que seu machado silencioso estava acostumado a decepar, mas *seu pé*, um pedaço *seu*, que aos poucos já não fazia mais parte dele. Sua carne estava mastigada e o sangue vazava em meio a marcas profundas. O osso era a única parte ainda intacta, porém visível, exposto para o mundo.

O lenhador rosnou, e o café da manhã subiu pastoso pela garganta. Jogou-o para fora ali mesmo, ao lado do que um dia fora sua perna. Começou a chorar, amaldiçoando a besta desgraçada que havia feito aquilo.

A língua estava mais seca do que areia, tudo o que queria era água. Não pensou em outra coisa a não ser água... água... ÁGUAAAA!

Quando percebeu, estava gritando sem parar. Até que ouviu outra vez os barulhos dos galhos se partindo. A coisa estava de volta e ele sabia disso. Tinha tanta certeza que era a fera quanto sabia que não tinha mais um pé. Logo, localizou a origem do barulho e permaneceu com os olhos arregalados, fitando a fresta escura entre dois arbustos. Não podia correr nem se esconder. Só o que lhe restava era olhar e aguardar seu destino.

Foi quando a coisa saiu do meio dos arbustos, e o lenhador soube que ver sua perna esmigalhada era apenas o detalhe de um pesadelo.

A cabeça era de cachorro, não um simples cão pastor, mas uma enorme besta. O focinho farejava o ar, tremendo e sacudindo, como se tivesse vida própria. Aquilo fazia com que linhas se franzissem na cara do demônio, deixando sua aparência ainda mais feroz e animalesca. Andava sobre quatro patas, e o lenhador percebeu que seu corpo era ausente de pelos, diferente da cabeça, completamente inundada com uma pelagem grossa feito grama. O bicho se assemelhava ao tronco de uma árvore quando a casca é molhada pela chuva e se desprende da madeira, deixando uma superfície branca e lisa. Assim era a pele da criatura, albina e malcheirosa. A mandíbula era alongada e projetada para frente, exibindo uma bocarra farta de dentes pontudos e amarelados.

O lenhador não conseguiu gritar e nem se mexer. Apenas fechou os olhos e desejou estar morto a ter que olhar mais uma vez para aquela coisa. Ouviu um rugido grave, como se houvesse um borbulhar dentro da garganta do monstro. Aquele som despertou sua curiosidade como fogo em madeira seca, e ele abriu os olhos pela última vez.

Suas pernas se encharcaram de urina quente. A criatura estava sobre duas patas, esticada e ereta como um ser humano. E para sua completa incompreensão, viu que o monstro crescia cada vez mais, e suas pernas se esticavam debaixo dele.

O lenhador nunca foi homem de rezar. Mas naquele momento arriscou um Pai Nosso. Foi rastejando e rezando, enquanto a coisa se aproximava, pata sobre pata, crescendo... crescendo.

Foi quando esbarrou em algo e, impressionado consigo mesmo por

conseguir desviar a atenção da besta, virou o rosto e percebeu o buraco que havia no chão, com terra remexida para todo lado. Era ela. A cova da menina que havia assassinado. Onde estava o corpo? Quem...

Seus pensamentos foram interrompidos pelo uivo do monstro. A fera esticava o pescoço longo e grosso como um tronco de salgueiro-chorão e uivava para o céu. Notou vultos surgindo de todos os lados da clareira, e ao se afastarem das sombras, iluminados pelo luar, avançaram. Uma matilha de grandes lobos, que rosnavam mostrando as presas afiadas.

A fera andou em sua direção, pata sobre pata, como um ser humano.

— Você... — o lenhador disse em meio ao choro, enquanto um cordão de catarro salgado escorria para sua boca. — Eu sinto muito! Me perdo...

O lenhador teve o rosto arrancado com uma só mordida da fera. O sangue espirrou em seu focinho, e ela voltou a morder e mastigar sua cabeça até que restasse somente um pedaço de carne esfaçalhada. O corpo do lenhador tombou para o lado, fazendo o sangue esguichar de seu pescoço para a terra. A besta o empurrou com a cabeça, e o homem rolou para dentro da cova.

Ela estava satisfeita. Essa era a natureza resolvendo as coisas, encaixando as peças. Quando ela se afastou da cova, a matilha mergulhou no buraco e começou a devorar o que havia sobrado. A fera entrou na mata e seguiu caminhando para o vilarejo. Estava quase acabado... quase.

A bancada do alfaiate ficava embaixo do beiral da janela. De quando em quando ele olhava lá para fora, temendo que alguém viesse. A culpa lhe corroía. Espetou o dedo com o alfinete pela décima vez naquele dia.

Muitas horas passaram, e ele permaneceu lá dentro, costurando, comendo, olhando pela janela. Chorou algumas vezes, se lembrando do acontecido. Mesmo com todo aquele pesadelo tendo acontecido, não conseguiria deixar de pensar no lenhador. O alfaiate sempre fora um homem sozinho, não muito ativo na cidade, e o lenhador fora o único que lhe dera um pouquinho de atenção... Ainda mais agora, o relacionamento dos dois não seria apenas coitos em meio à mata. Algo maior havia acontecido, estavam marcados por algo muito forte. Marcados com sangue inocente. Aquilo era razão suficiente para uma coisa mais poderosa, não? Era o que se convencia à medida que os minutos passavam.

Seus pensamentos foram interrompidos quando ouviu algo arranhando sua porta. Pensou em abrir e ver quem era, mas sua intuição deu um berro para que não fizesse isso. Se fosse alguém, teria tocado o sino ou gritado seu

nome, como sempre faziam. No entanto, aqueles barulhos eram muito estranhos, não naturais, algo que nunca ouvira antes. *Roc, roc, roc...* a porta era arranhada, e arrepios percorreram todo o corpo do alfaiate.

Correu até a janela e olhou para fora através do vidro. Sua respiração parou por um momento ao fitar aquilo. Havia escurecido. Tinha certeza que já passara do meio dia, o sol estivera brilhando lá fora ainda há pouco. E agora toda sua casa mergulhara no escuro da mais profunda noite. E não foi só isso que avistou do lado de fora.

O que o deixou com as pernas moles como água foram aqueles olhos. Pontos vermelhos à distância, muitos, escondidos na escuridão. Sabia que olhavam para ele, e por vezes piscavam como pequenos vaga-lumes. Sentiu um cheiro forte de carniça lhe invadir as narinas, fazendo seus olhos lacrimejarem. O pânico foi tomando todo seu corpo feito uma onda, elevando cada vez mais as batidas de seu coração. E os olhos continuavam lá fora, hipnotizantes como tochas de fogo.

O alfaiate ouviu um rosnado gorgolejante e se aproximou do vidro da janela para checar sua origem. Não teve tempo de pensar quando aquilo aconteceu. O vidro se partiu em mil pedaços no seu rosto, enterrando cacos em sua pele. Um deles ficou cravado em seu olho esquerdo, tão fundo quanto o corpo de uma garota enterrada. O alfaiate caiu de costas no assoalho, causando um grande estrondo na casa. O vento entrou em sua oficina, espalhando papéis e tecidos por todo o lado.

Abriu a boca para gritar, mas não conseguiu ouvir a própria voz. Eram muitos os barulhos no lugar, e forçou o único olho bom para entender o que estava acontecendo. Enxergou vultos escuros e imensos entrando pela janela, e só pode pensar que seriam demônios fugindo do inferno, um por um. Não demorou muito para ver que eram lobos. Invadindo sua casa e preenchendo-a como uma praga. Um a um, eles entravam e se sentavam onde conseguiam espaço.

Foi quando um animal, que não era um lobo, também entrou. A coisa se apoiou no beiral com patas gigantescas e dedos longos, com unhas que pareciam foices. Quando já estava dentro, encarou o alfaiate com olhos faiscantes, mostrando os dentes de espinhos.

O alfaiate ergueu a mão por clemência, mas percebeu que aquele era um ato inútil, pois morreria naquela noite e seria devorado por lobos. Não saberia explicar, apenas sabia.

A última coisa que viu foi o monstro à sua frente, sobre duas patas que

creciam cada vez mais até que a enorme cabeça tocasse o teto. Sua boca aberta exibia as presas banhadas em baba vermelha e viscosa que escorria, formando poças no assoalho. Uma coisa chamou a atenção do alfaiate, que mesmo amedrontado e horrorizado com a certeza de sua morte, sentiu um fisgar em seu peito.

Lá no fundo do buraco negro que era a garganta da criatura, olhos. Um olhar conhecido, de alguém que fora a razão de seus pensamentos por muito tempo. O rosto do lenhador estava lá, espremido pelas paredes viscosas da traquéia do monstro. Em um segundo, o peito da coisa se inflou e regurgitou o resto do que fora o lenhador. A cabeça deformada, feito um fruto apodrecido que caíra de uma árvore, disparou com força em cima do alfaiate, repousando em suas mãos, que a seguraram de forma curiosa. Ao notar os olhos arregalados em meio a face destruída e mastigada da cabeça, o alfaiate soltou o pedaço de corpo e começou a sentir pontadas no coração. As alfinetadas logo se tornaram punhaladas, nunca sentira tanta dor no peito. Antes que o ataque cardíaco acabasse de vez com sua vida, a fera, com uma só dentada, abocanhou a cabeça de seu assassino e separou-a do corpo.

Logo, os lobos terminaram o serviço, deixando a oficina de um alfaiate trabalhador como um lago vermelho. Carmem saiu pela janela e uivou, satisfeita, feliz. Correu em direção a floresta, e de lá nunca mais saiu.

O fogo ainda crepitava na fogueira dos índios, ardendo e consumindo a madeira que Raoni colocava de quando em quando em meio às brasas.

A respiração de Jorge estava inaudível. Quanto à de Hugo, acelerada pela surpresa do final da história.

— Mas que baita história cabeluda! — disse Hugo, esfregando os braços para afastar os arrepios.

— Bota escabrosa nisso! — complementou Jorge.

— São lendas de dar medo mesmo. Até esqueci que estava aqui com vocês. Me senti na pele dos pobres desgraçados que tiveram finais cruéis...

— Não são só lendas! — Moacir me interrompeu, se aproximando do fogo como que tendo algum tipo de visão entre as labaredas.

— Sei que vocês têm muita fé no que contam, mas...

— Não é questão de fé. Todas as histórias dos antigos são passada de pai para filho, de mãe para filha, e assim por diante. Esses conto antes eram

canções, e sobrevive até hoje. É coisa mais rica que tem o povo da floresta.

— E por que estão nos contando? Digo, por que estão nos contando as histórias?

Ao notar o olhar de Moacir, logo me arrependi da pergunta. Ele fitou a mim com profunda malícia, como um homem falso que conspira contra aqueles que confiam nele. Naquele momento eu soube que existia algo de muito errado naqueles homens. Algum plano ou intenção ruim que estava sendo mascarada de forma sutil desde que nos encontramos.

— Olhem! Já passa das cinco da manhã! — disse Hugo, olhando em seu relógio de bolso.

— Valha! Já é Dia de Finados. — Jorge encolheu as pernas para junto de si.

— Minha nossa! — eu disse, perplexo. — Quanto tempo ficamos aqui ouvindo a história, afinal? Como não vimos o passar das horas? Digo, como não notamos o tempo passar tão rápido?

As perguntas estalavam na minha cabeça como a lenha em brasa daquela fogueira.

— Hugo, tem certeza que seu relógio não está quebrado? Pode ter parado e você não se deu conta. — perguntei, esticando a mão para que ele me entregasse o relógio.

— Tenho certeza absoluta, Miguel. Troquei a bateria esses dias. Tá perfeitoinho. Toma, dá uma olhada.

Realmente o relógio estava em perfeito estado. Aquela estranheza perfurou meu peito como um parafuso, entrando rodando e rodando até ficar fincado na carne. Não era possível que estivéssemos há tanto tempo hipnotizados daquela forma. A história era longa e cheia de detalhes, porém não o suficiente para ter durado todas aquelas horas perdidas.

— A gente mal dormiu! — disse Jorge.

— Não se preocupe. — falei para o tranquilizar. — Daqui alguns minutos o sol começa a nascer e aí poderemos levar a encomenda. Podemos dormir no quintal do seu Sebastião. Tenho certeza de que ele não vai se importar.

— Não podem partir sem encher a barriga com algo forte e que sustente. Ouvir as história dos antigos gasta muita energia, vão precisar de forças. — disse Raoni, se direcionando para mais perto da fogueira.

Ele retirou o caldeirão do fogo, agarrando a alça de ferro sem nenhuma proteção. Se estivesse quente o suficiente para se queimar, o que eu poderia

jurar que estava, ele não pareceu se importar com a dor. Colocou o caldeirão sobre um toco de árvore que servia de mesinha. O cheiro invadiu meu nariz, fazendo minha boca salivar e meu estômago latir.

— Vou lá dentro buscar vasilhas, volto logo.

Enquanto Raoni buscava os recipientes, Jorge e Hugo admiravam o caldeirão fumegante e esfregavam as mãos, ansiosos para provar o ensopado.

— Deve ter cozinhado mesmo, hein? — eu disse, olhando para Moacir.

— Carne de lobo não é das mais macia. Precisa de muitas hora no fogo. O próprio Raoni colocou novos tempero, enquanto eu contava a história, volta e meia ele colocava um pouco mais de água na panela. Não deve ter percebido pois as história dos antigos prendem muito a atenção daqueles que escuta.

— Não percebi mesmo. Na verdade, nem notei o fogo enquanto você falava. Mal olhei para os meus amigos quando...

Naquele mesmo momento olhei para Jorge e Hugo. Fui tomado por uma sensação que se assemelhava a um frio nas costelas. O olhar dos dois, as suas respirações sincronizadas e as mãos que se esfregavam umas nas outras sem parar. Seus olhos não piscavam nem uma vez. Lembro-me disso com toda a nitidez possível. Era como olhar para dois ovos cozidos, brancos, redondos e parados na direção do caldeirão.

— Jorge! — chamei. — Você viu Raoni colocar água na panela?

Ele não olhou para mim. Tinha o olhar fixo na panela de ferro como se esta fosse uma pessoa real, contando-lhe algum segredo.

— E você, Hugo? Hugo?

Nem um dos dois me deu atenção. O frio na espinha foi migrando para o estômago e logo se apossou de todo meu corpo. Eu não estava à vontade, então por que eles estavam?

— Eles devem estar com muita fome. — Moacir disse, dando uma risada. Um riso cortante como navalha.

Raoni voltou com três tigelas marrons. Estranhei o fato de não ter trazido uma para ele e Moacir. Por que não comeriam conosco? Isso descobri da pior forma.

— Ficou muito bom! — Raoni disse, mexendo a panela com uma concha de ferro. — Ficou melhor do que eu esperava.

Ele retirou a concha do caldeirão, cheia de pedaços de carne e molho, que escorria pela concavidade, pingando na mesinha de toco. Enquanto ele enchia as tigelas com o ensopado, nuvens de fumaça aromática subiam pelos

ares. Aquilo parecia provocar mais ainda a fome dos meus parceiros, que naquele instante estavam completamente inquietos. Se fossem cachorros, com certeza estariam abanando o rabo, esperando um pedacinho do petisco.

— Aqui está.

O índio esticou uma tigela para mim e deu as outras para meus amigos. Jorge não esperou a entrega das colheres. Agarrou a cuia com as duas mãos e virou o caldo para dentro da boca, puxando pedaços de carne como se soubesse que aquela era sua última refeição.

Hugo partiu do mesmo princípio, virou tudo para dentro como um cão faminto. Mastigou a carne macia com a boca aberta, e fios do caldo e gordura escorreram pelo seu queixo.

— Prove, Miguel. Tá esperando o que? Tá bom demais! — disse Jorge, com as bochechas cheias de carne de lobo.

Raoni me entregou uma colher, e eu passei a mexer o cozido e assoprar a fumaça que subia. O cheiro era tão maravilhoso quanto da primeira vez que senti, e por um instante quase fui tomado pelo impulso de seguir meus amigos e engolir tudo de uma vez. Mas apesar da quentura da comida e do calor da fogueira, aquele frio na barriga estava maior e crescendo.

Minha boca salivava enquanto eu encarava o caldo espesso dentro da tigela que descobri ser, na verdade, uma casca de coco partido ao meio. Admirei os pedaços de ervas verdes dentro do ensopado que exalavam um perfume cítrico e apimentado de coentro e tomilho. Pensei que nenhum alimento no mundo inteiro parecia ser tão convidativo como aquele. Aproximei a tigela da boca e, como um lampejo provocado por um raio, uma lembrança me tomou. Foi algo que Moacir dissera, algo sobre Raoni colocar ingredientes na sopa enquanto eles ouviam a história. Aquilo me fez pensar no que afinal ele colocara dentro da panela. Eu não me lembrava de nada que acontecera enquanto ele contava a história de Carmem. Nada mesmo. Foi como se eu estivesse vivenciando a história, penetrando-a e sentindo-a com toda a atenção que eu tinha.

Naquele momento, meu desconforto crescia junto com minha respiração. Alguma coisa estava errada e somente eu parecia perceber. Eu sabia que aquele ensopado não era normal, pois bastava que eu olhasse para ele e sentisse seu cheiro que todos os problemas e inseguranças pareciam desaparecer. Era como se o ato de provar aquele cozido fosse uma cura para os meus temores. No entanto, um lado meu ainda sabia que se eu fizesse aquilo, se ingerisse uma gota daquele ensopado, eu não poderia mais me

conter e devoraria tudo na mesma hora, assim como Jorge e Hugo. Tinha certeza que se isso acontecesse, seria o maior erro da minha vida.

Estava resolvido. Não poderia comer nada do que tinha em minhas mãos. Mas como eu daria fim àquele cozido sem que todos percebessem? Precisava sair dali. Na verdade, todos nós precisávamos. Alguma coisa iria acontecer se não fôssemos embora. Algo envolvendo aqueles em quem confiamos. Era o que meu pai sempre dizia: “Não confie nas pessoas, elas serão o seu fim!”. Essa frase nunca fizera tanto sentido.

Encarei os índios e notei que eles estavam ocupados observando os meus amigos se fartarem com o que restou da panela. Raoni ria e olhava para a cena com ar malicioso. Moacir apenas sorria e fumava seu cachimbo, parecendo se deliciar com a gula dos meus amigos.

Aquela era a minha chance. Eles estavam distraídos o suficiente para não notarem meus movimentos. Pelo menos era o que eu queria.

Quase sem me mover, levei a cuia com o ensopado até o meu lado, próximo ao chão, sem nunca tirar os olhos dos meus dois inimigos. Era isso que eram, inimigos. Não me pergunte como eu sabia. Despejei todo o conteúdo da cuia no solo, em meio ao capim, e voltei a colocá-la próxima ao rosto. Logo em seguida eles olharam para mim. Olhos cheios de más intenções.

Simulei que tomava o caldo até erguer a tigela para o alto, como se tivesse engolido tudo. Eles ficaram muito satisfeitos, sorrindo. Parecia que tinham encontrado um tesouro valioso. Raoni recolheu as tigelas e voltou a se sentar.

— Espero que gostem de um pouco de música. O sol está quase nascendo. — disse Moacir, pegando seu pequeno tambor e colocando-o no colo.

— Faça o que quiser! — respondi rispidamente.

Ele gargalhou e começou a bater. A medida que ouvia aquelas batidas, senti um peso tomar conta do meu corpo. Era como se o próprio ar do local estivesse mais denso. Raoni começou a chacoalhar um chocalho rústico, deixando a atmosfera ainda mais pesada. Senti-me como se estivesse debaixo d’água.

Olhei para meus amigos. Eles estavam com as cabeças juntas, testa com testa, como prestes a se beijar. Seus olhos estavam fechados e os braços caídos, balançando moles feito gelatina. Pareciam hipnotizados ou presos numa espécie de transe.

As batidas do tambor ecoavam, despertando um ritmo hipnótico em minha mente que me fizeram molhar as calças. Esvaziei a bexiga sentindo a umidade nas pernas, mas não me importei com aquilo. Até que Raoni começou a dizer palavras numa língua que jamais ouvi na minha vida. Palavras que eram ditas ao ar, sendo levadas por todo o acampamento através dos batiques do tambor.

Eu quis abrir a boca e dizer “Vamos dar o fora daqui!”, mas tudo o que saiu foi um grunhido baixo e abafado, como se uma mão invisível tapasse minha boca. Jorge e Hugo continuaram grudados um no outro. Fios de cuspe saíam de suas bocas e formavam uma espuma branca nos cantos dos lábios. Naquele momento não restou dúvida alguma de que aqueles índios drogaram meus parceiros. Mas era mais que isso. Algo perturbador estava ocorrendo, algo impossível de se acreditar.

Transeuntes passavam por mim e corriam por toda a clareira. Mas quem diabos eram aqueles? Não podia ver com clareza, minha vista embaçara como se a fumaça do cachimbo de Moacir estivesse por todos os lados, me cegando e impedindo aqueles vultos de se revelarem. Tentei gritar. Minha garganta continuava bloqueada. Meus amigos babavam como cães raivosos.

“Corra! Corra! Corra!” Era só o que eu pensava, mas minhas pernas não me obedeciam. Estavam duras, petrificadas, raízes invisíveis haviam me fixado no chão.

Eles gritavam, os dois índios gritavam mais alto que trovões numa tempestade. Tudo o que pude fazer foi fechar os olhos, e nesse momento, vi meu pai, martelando tábuas de madeira em sua oficina e me olhando com lágrimas nos olhos, as mesmas lágrimas que caíram tantas vezes pela dor da morte de minha mãe. O luto. O Túnel que todos nós passamos. Abri os olhos e ainda estava paralisado. Se aquele seria meu fim, quem sentiria minha falta? Quem choraria por mim ou levaria uma lembrança minha? A solidão, o medo... medo do fim. Não merecia acabar assim, com o horror estampado na face. Não merecia ser esquecido para sempre.

Senti a boca formigar e a língua pegar fogo enquanto ouvia os gritos daqueles malditos. Passaram a berrar palavras estranhas, erguendo as mãos para o céu. Num ato involuntário, acabei olhando para cima e notei que o céu estava mais claro.

Atrás das copas das árvores nascia a luz da manhã em feixes laranjas e vermelhos. Eu deveria estar feliz em ver o nascer do sol, mas a intensidade do meu medo só pareceu piorar, e quando olhei para o lado, para aqueles que

eram meus amigos...

A fumaça que envolvia meus olhos se dissipou, e consegui ver, com todos os detalhes que essa mente cansada consegue lembrar, o horror. Foi quando eu vi o diabo. Seja lá a forma que o demônio possa tomar, aquela era uma delas, pois a visão grotesca que tive de meus amigos, aqueles que tanto amei um dia, era muito mais do que a forma literal de homens virando monstros... Aquilo era a visão do mal.

O maxilar de Jorge simplesmente caiu no chão, e precisei piscar os olhos com força para ter certeza do que vira. Em seguida, partes de seu rosto começaram a se descolar como um brinquedo desmontável. Olhei para Hugo e o mesmo acontecia com ele. As orelhas, os olhos, o nariz... tudo caía no chão, deixando suas faces com a aparência de uma bolha gosmenta com furos abertos que escorriam veias de sangue.

Jorge e Hugo se jogaram no chão e, com o quadril levantado para o céu e o queixo beijando o chão, passaram a esfregar o peito no chão, da mesma forma que um cão se espoja na grama para coçar uma sarna. Grunhiam e arfavam feito gatos cuspidos bolas de pelos.

Raoni e Moacir apenas olhavam para cima com as mãos erguidas, e continuavam suas invocações. Não perceberam que nada acontecera comigo. De repente comecei a ouvir latidos, e quando voltei a olhar para Jorge e Hugo, não pude acreditar naquele inferno.

Eles tinham focinhos. Como os de cães, porém, esticados e compridos, exibindo dentes afiadíssimos. À medida que latiam, a língua úmida e rosada saía de suas bocas e lambia o próprio nariz. Eles não tinham mais o corpo humano, mas um tronco imenso e monstruoso. Pude ouvir o estalar dos ossos quando patas começaram a aparecer.

As aberrações estavam ali, na minha frente, em processo de metamorfose, e eu sabia o que eles se tornariam. Não podia mais permanecer ali.

Senti que recuperara o movimento dos braços, as pernas ainda estavam moles, mas não tinha mais tempo. Com toda a força e coragem que tinha em mim, me joguei para trás, não me importando aonde eu cairia. Para minha sorte não havia nada no chão que me atrapalhasse, e caí de costas no solo duro. O pavor tomava conta de mim ao pensar que eles pudessem ter me visto fugir, mas não olhei para trás. Forcei meu corpo a rastejar para longe da clareira, longe daquela tormenta. Me virei de bruços e me arrastei como uma cobra até as árvores, até sair da clareira. Minhas mãos ardiam ao raspar na

terra e nas pedras, manchando o solo de sangue. Ignorei a dor e, com muito esforço, consegui me levantar.

Cambaleei para frente como um bêbado, à procura de uma árvore para me apoiar. Todo meu corpo doía, esgotado, minha mente seguia o caminho contrário, me guiando para fora daquele lugar.

Por onde ficava a trilha para nosso acampamento? Percebi que estava perdido, e o desespero lacerou meu peito. Olhei para todos os lados e tudo parecia igual. Árvores, arbustos e folhas secas no chão.

O sol tinha nascido e a floresta, mesmo iluminada, não deixava de ser mais assustadora do que nunca. Foi aí que ouvi o som mais aterrador da minha vida. Nem mesmo o canto da morte seria tão angustiante quanto aquele uivo que ecoou na floresta.

Não consigo me lembrar qual caminho tomei. Talvez eu tenha, em meio ao desespero, deixado meu corpo me levar pelas trilhas que os pés encontravam, sem dar a devida atenção ao caminho maldito que seguia. Só posso dizer que corri, pulando os galhos e pedras no chão para não tropeçar, e de alguma forma cheguei até o acampamento. Encolhi-me atrás das sacas de farinha de trigo, tal qual um soldado nas trincheiras em meio ao tiroteio de uma guerra. Ouvi os sons da mata se abrindo, anunciando que aquelas coisas haviam chegado. Rosnados e latidos ecoavam por todo lado, e me espremi o mais perto da pilha de sacas que pude. Então, sem mais nem menos, tudo ficou quieto. As criaturas pararam de grunhir e fizeram silêncio. Mesmo assim não arrisquei sair de meu esconderijo. Aquilo poderia ser uma armadilha.

Minutos se passaram como horas enquanto eu esperava. A lembrança de meus amigos se transformando naquelas bestas se repetiu em minha mente como *flashes*. O cheiro do trigo das sacas me trouxe lembranças familiares. A padaria, o trabalho pesado, as broncas de Seu Joventino... voltar para tudo isso era o que mais almejava. Ergui meu corpo com cautela e olhei por cima das sacas. Foi nesse momento que fiquei cara a cara com a coisa. Aquele seria Jorge? Ou então Hugo? Não importava qual dos dois, porque não eram mais eles.

Meu rosto estava tão perto dele que foi possível sentir o cheiro de sua baforada. Era como se todos os animais da floresta estivessem mortos, apodrecendo dentro da boca daquele demônio. Ele olhou para mim e não consegui desviar a encarada. O bicho rosnou, mostrando as gengivas pretas. Suas costas, uma enorme corcunda peluda, esticou para cima, enquanto as

patas se contraíam, preparando o bote.

Não consigo me lembrar direito do que aconteceu depois, se eu tentei correr ou se ele avançou primeiro, só sei que segundos depois o lobo pulou em cima de mim. Num reflexo, agarrei uma das sacas de farinha e a inclinei, apoiando-a bem na minha frente como um escudo. Era tudo o que eu tinha para me defender. O golpe da criatura morreu abafado pela saca. Ouvi o barulho do rasgo logo em seguida. As garras da fera dividiram a saca ao meio, e caí para trás.

De costas contra o chão, eu continuava segurando o que sobrara da saca, e toda a farinha caía em cima de mim, soterrando meu rosto, entrando na minha boca, cegando meus olhos. Joguei os restos da saca para o lado. Precisava me levantar. Não podia perder tempo esperando outro ataque. Olhei para todos os lados do acampamento e notei os lobos gigantesco vindos em minha direção. Eu estava sem armas, sem qualquer defesa, e sabia que não conseguiria resistir a uma nova investida. Eu tive a certeza que iria morrer. Não da forma que todos nós acreditamos que possa acontecer conosco um dia. Eu sabia, de verdade, que era meu fim. Mas foi aí que algo aconteceu. Algo que foi alvo de muitas de minhas teorias até hoje.

Aceitando meu destino, fiquei em pé, de frente para os monstros. As criaturas começaram a recuar, andando para trás, as patas tropeçando umas nas outras. Não conseguia entender o que estava acontecendo. Eles estavam com medo de alguma coisa. Olhei para os lados para ver se um perigo maior estaria à minha espreita. Nada. Foi quando eu entendi. Era eu. Eles estavam com medo de mim. Olhei para o meu corpo e meus braços. Estavam todos cobertos de farinha de trigo, brancos como leite. Eles estavam com medo de minha aparência! Não tive tempo de compreender a situação, só pensava que talvez eu possuísse uma chance.

Aproveitei a chance que tinha e avancei para as feras, gritando como louco e balançando os braços para cima, rugindo como um animal da melhor forma que pude. Os monstros baixaram a cabeça e passaram a rosnar com sons agudos, com os dentes a mostra, andando para trás. Meu queixo caiu de surpresa quando eles bateram em retirada, correndo para longe e me deixando sozinho. Ali estava eu, de pernas bambas, olhos arregalados, não conseguindo acreditar no que havia acontecido. O choro tomou conta de mim, ajoelhei soluçando. Um choro exagerado e cheio de sentimentos. Chorei por todos eles, mas acima de tudo, por ter conseguido. Queria gritar e permitir que toda aquela angustia saísse de meu corpo de uma vez, mas tive

medo que as feras voltassem. Quando voltei a mim, vi que ainda estava na floresta, e sem perder tempo, corri o máximo que pude para longe de lá. Com muitas certezas em minha mente. A certeza de que meus amigos haviam se transformado em criaturas blasfemas. Que havia pessoas morando na floresta dos pagãos, pegando gente desavisada para propósitos cruéis. Que os lobisomens existiam e quase me mataram. A certeza de que as lendas eram reais. Apesar de ter fugido daquele pandemônio, nunca vou esquecer do som dos batuques daqueles tambores que os índios tocaram naquela noite, ainda posso ouvi-los agora.

Fui encontrado na rodovia por um caminhoneiro. Não me lembro de muita coisa que aconteceu após sair da mata. “Saia da floresta!” era tudo o que eu repetia até que encontrasse a estrada. Um dia acordei e estava em Campos Floridos. As lembranças embaralhadas não me fizeram esquecer ou confundir o que aconteceu na Floresta dos Pagãos, e jamais me convenci de que tudo foi um sonho ou uma memória criada por um cérebro doente – coisa que todos os médicos tentavam me fazer acreditar. Disseram que me levaram até o hospício dizendo coisas sem sentido e que acreditava estar sendo perseguido por monstros. Não sei dizer se alguém foi até a floresta investigar se tudo o que eu disse era verdade, na realidade, ninguém liga muito para um pobre acusado de demência. Mas digo que depois de todos esses meses, refletindo sobre o que aconteceu, jamais me esqueci das faces dos meus amigos se transformando em demônios, do cheiro daquele cozido – Deus, ainda posso sentir, e minha boca saliva ao pensar – até mesmo o alívio que senti ao saber que estava livre dos lobos quando se afastaram de mim ao me ver coberto de branco.

Apesar de vivenciar tudo aquilo, nunca fui homem de acreditar em superstições, tentei ignorar a crença de que o branco fosse a cor da paz, e que isso afastou o mal naquele dia. Comecei a procurar algo mais concreto para explicar aquilo e depois de ler muito sobre a vida animal nos livros que os enfermeiros conseguiam para mim, cheguei a algumas teorias. Li que hienas são facilmente enganadas pela visão. Geralmente, elas não costumam atacar presas maiores do que si próprias, de forma que se você um dia se deparar com uma hiena, basta que fique de pé e erga os braços o máximo que puder. Ela acreditará que você não é uma presa, mas sim um predador, e

provavelmente, elas não o atacam. Isso me fez pensar que, de alguma forma, ter meu corpo coberto de branco, escondendo minha verdadeira face, possa ter enganado as bestas e as assustado. Se foi isso mesmo que me salvou, estarei pronto para testar mais uma vez.

A sala de recreação da clínica está em reforma. Não foi fácil, mas consegui roubar uma garrafinha de refrigerante da qual esvaziei e enchi com a tinta branca que estão usando para retocar o teto. A escondi debaixo da cama e hoje, pintarei meu corpo o máximo que puder. Sei que eles voltarão assim que o sol nascer para terminar o que começaram no Dia de Finados, mas desta vez estarei pronto.

Caro leitor, não tenho a mínima pretensão de que acredite em mim. Você pode muito bem terminar de ler essas páginas e achar que tudo não passa de uma fantasia de um homem com muito tempo livre. Se meu plano falhar, o sumiço do meu corpo comprovará a veracidade de meu relato.

Ah, eu posso ouvi-los. Estão lá fora, uivando enquanto o sol nasce.

Posso escutar o som do batuque dos tambores.

Hoje é Dia de Finados.

Sei que em questão de minutos eles invadirão meu quarto. Irão primeiro quebrar os vidros da janela de fora, logo depois se espremerão entre as grades feito serpentes e quebrarão o vidro interior, entrando bem aqui onde estou.

Sei que não irão me matar, ah, não. Eles ainda não acabaram o que começaram na floresta. A natureza precisa aparar as arestas para que não haja nenhuma falha.

Sobre o autor

Lucas Dallas é escritor independente e criador do canal literário "Pulp Fictions com Lucas Dallas". É autor de "Âmbar", um romance sobrenatural, e "Pela Estrada Afora", livro que reúne oito contos de horror.

Saiba mais sobre o autor em:

<https://www.facebook.com/lucasdallasescritor/>

https://www.instagram.com/lucas_dallas/

<https://www.youtube.com/user/LucasDallas1/>